



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DA BAHIA

UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH V
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

GRACIELE COSTA SANTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA ATIVA DE
APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DO
ENSINO INFANTIL**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2021



GRACIELE COSTA SANTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA ATIVA DE
APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DO ENSINO
INFANTIL**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus V, como requisito final à conclusão de curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Jamily Vasconcelos Caribé Souza.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2021



FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA Sistema de Bibliotecas da UNEB

S237c

Santos, Graciele Costa

Contação de histórias como estratégia ativa de aprendizado de língua inglesa no contexto do ensino infantil / Graciele Costa Santos. - Santo Antônio de Jesus, 2021.

66 fts : Il.

Orientador(a): Profª. Dra. Jamly Caribé.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Inglesa e Respektivas Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2021.

1. Ensino de Inglês. 2. Proposta pedagógica. 3. Histórias infantis.

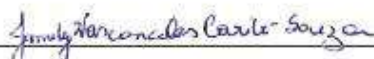
CDD: 428

GRACIELE COSTA SANTOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA ATIVA DE
APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DO ENSINO
INFANTIL

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado pela banca examinadora em 15/12/2021



Prof.^a Dr.^a Jamily Vasconcelos Caribé Souza

Orientadora (UNEB)



Prof.^a Dr.^a Luciana Vieira Mariano

Membro Titular (UNEB)



Documento assinado digitalmente
ROSEMARY LAPA DE OLIVEIRA
Data: 13/12/2023 17:54:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Rosemary Lapa de Oliveira

Membro Titular (UNEB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Rita Maria, a minha irmã Grazielle Costa e ao meu pai Valdionor Pereira, a minha sobrinha Rebeca Costa e ao meu cunhado Luís Claudio por me incentivarem e acreditaram em mim, me dando força nos momentos difíceis e comemorando as minhas conquistas sempre demonstrando amor e cuidado comigo.

AGRADECIMENTOS

Tenho imensa gratidão, primeiramente a Deus, pelo dom da minha vida e por ter permitido mais essa conquista com a presença da minha família.

Agradeço a minha orientadora, professora Jamily Caribé, por ter me acolhido e acreditado em mim e por ter disponibilizado o seu tempo e dedicação, sempre me incentivando e me corrigindo para melhores resultados. Sei que ainda preciso amadurecer muito, contudo, as suas contribuições serviram para o meu crescimento como graduanda e como ser humano, o qual darei segmento.

As professoras Luciana Mariano e Rosemary Lapa, por terem aceitado o convite para participar da minha banca de defesa.

Ao professor e diretor do campus V, João Neto, por ter me proporcionado uma formação acolhedora mediante a sua gestão. E a todos os meus professores em especial Alyxandra Gomes, Benício Filho, Ilmara Valois, Marla Satorno, Núbia Enedina, Priscila Peixinho, Tassila Guimarães e Sally Inkipin, por toda contribuição durante toda a minha formação acadêmica e em outros aspectos.

A todos os funcionários do campus V, que de alguma forma cooperaram para a minha trajetória, em especial Gracila Dourado.

Agradeço aos meus amigos, presentes que a Uneb me deu, Caio Matheus - por ser tão presente, ajudando-me e demonstrando seu carinho por mim, mesmo querendo me levar para o cinema e comer pizza para eu “esfriar a cabeça” em dias difíceis - e Thaynara Escarlete Reis, por me proporcionar momentos de alegrias além da parceria durante o curso.

A Gleidson Oliveira, meu amigo de infância, por me alegrar com a música e por ter aceitado fazer parte das minhas oficinas, caso eu precisasse colocá-las em prática.

Aos meus amigos Jamile Lôbo, Lucas Falcão e Tábhita Laurentino, por terem me acolhido e por compartilhar as suas experiências profissionais. Podem ter certeza de que vocês são exemplos para mim.

À psicóloga Rafaela Vieira, por ter me ajudado a criar estratégias de estudo que contribuíram para a minha dedicação à escrita, além de ter colaborado na minha formação de pensamentos e ações de maneira positiva nesse processo.

Por fim, aos meus colegas, tanto de curso como da nossa querida área verde do campus V, e a todas as pessoas que conheci durante essa jornada.

O meu muito obrigada!

“Ganghi disse: ‘Sejamos a transformação que desejamos para o mundo’. Então, devemos começar por nós mesmos, sendo coerentes com aquilo que queremos ensinar.”

RESUMO

O presente estudo traz uma discussão sobre a contação de histórias como estratégia para a aprendizagem de Língua Inglesa no contexto infantil, com a utilização de referencial bibliográfico propondo o ensino de uma segunda língua de maneira recreativa, adotando as metodologias ativas através de oficinas de histórias infantis com adaptações visando o ensino de inglês para crianças de 6 e 7 anos, cujo são falantes de Língua Portuguesa. Este trabalho contextualiza o processo de aprendizagem no aspecto intelectual, emocional e social de maneira teórica e prática que estão presentes na descrição de três oficinas de contação de histórias, com a utilização de 2 horas /aulas para cada uma. Assim, objetivando o auxílio aos docentes sobre formas de despertar o interesse e manter a atenção dos alunos do começo ao fim, a partir das técnicas de contação de histórias, além de avaliar o aprendizado dos discentes, por meio de atividades lúdicas de pós-história. Esta pesquisa conta com as contribuições teóricas dos autores Abramovich (2001), Bettelheim (2019), Busatto (2006), Coelho (2000), Moran (2017), Wright (1995) dentre outros.

Palavras-chaves: Ensino de inglês. Proposta pedagógica. Histórias infantis

ABSTRACT

This paper discusses the storytelling as a strategy to the English learning in the child context, with bibliographic reference, proposing the second language teaching in an amusing way, adopting active methodologies through children's stories workshops with settings aimed at teaching English to Portuguese speakers who are 6 and 7. This work brings some ideas about the learning process in the intellectual, emotional and social aspect in the theoretical and practical way that are showed from the detail of three storytelling workshops with there are 2 hours/classes each one. It aims the help to the teachers about shapes to stimulate interest and keep students' attention, from beginning to the end using storytelling techniques, in addition, of evaluating students' learning through playful activities in the after-history moment. This research counts on the theoretical contributions of the authors Abramovich (2001), Bettelheim (2019), Busatto (2006), Coelho (2000), Moran (2017), Wright (1995) among others.

Keywords: English teaching. Pedagogic proposal. Children's stories.

LISTA DE QUADROS

Tabela 1	32
Tabela 2	34
Tabela 3	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser	19
---	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 APRENDIZAGEM ATIVA: COMO ESTIMULAR AS CRIANÇAS DURANTE AS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	16
1.1 O ENSINO ATUAL DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS	16
1.2 METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	18
2 ENSINO E NARRATIVA: A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS	23
2.1 LITERATURA INFANTIL	23
2.2 STORYTELLING: AS NARRATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS	26
2.3 FORMAS E RECURSOS PARA CONTAR HISTÓRIAS	29
3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS E PANORÂMA DE PESQUISA ...	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A – The Rainbow Fish	42
APÊNDICE B – Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?	46
APÊNDICE C – The lion and the mouse	47
ANEXO A – The Rainbow Fish	49
ANEXO B – Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?	59
ANEXO C – The lion and the mouse	66

INTRODUÇÃO

A Língua Inglesa (LI) possui vários caminhos que podem ser conectados com o seu ensino. A utilização de formas literárias é um caminho relevante na aprendizagem da língua, visto que a literatura é um instrumento presente no nosso dia a dia, desde as suas escritas as adaptações dela, a qual é importante para promover e formar opiniões. Na infância, a literatura tem o papel de ajudar na construção de ideias através das narrativas infantis, trazendo um conteúdo crítico reflexivo por meio de alegorias que podem ser apresentadas em personagens que demonstram um comportamento diferente, em lições ao final de alguma aventura vivida na história ou estimulando a criação de uma conclusão própria.

Assim como as demais organizações da nossa sociedade, a educação vem se reinventando à medida que a sociedade vai evoluindo e, com isso, vem ganhando um espaço significativo por superar os desafios que a ela são atribuídos. Devido a estas exigências que estão presentes no contexto do ensino infantil, há diversas estratégias para o melhoramento do aprendizado de LI nesta fase, cujo público é falante da língua portuguesa e que, em sua maioria, não possui contato constante com outro idioma, o que torna menos eficaz o aperfeiçoamento e a compreensão da língua alvo.

O aprendizado por meio das metodologias ativas vem ganhando espaço atualmente por contribuir no desenvolvimento do aluno na construção de sua autonomia. Durante o processo de aprendizado, diversas estratégias ativas, incluindo avaliações, são alternativas para que o aluno adquira habilidades para além da sala de aula. Dentre as metodologias ativas, apontamento deste trabalho, a aprendizagem através da contação de histórias auxilia o aluno a desenvolver o pensamento crítico, além de trazer momentos de diversão para a criança. Para tanto, alguns fatores são de suma importância para a obtenção de resultados positivos. Para Busatto (2006), contar histórias tem como propósito o aprendizado direcionado por trás de atividades lúdicas. A imaginação influencia na formação de identidades, a partir da mensagem que cada história passa. Além disso, para narrar histórias, é necessário saber o que será apresentado ao aluno como fatores fundamentais da teoria à prática, como a seleção da narrativa e a preparação dos elementos que serão utilizados naquele espaço, respeitando os limites e faixas etárias do público.

Na fase infantil a aprendizagem tende a ser mais eficaz através de momentos lúdicos, pois, a ludicidade contribui para a interação, concentração e interesse da criança que através de contações áudio visuais geralmente buscam mostrar assuntos relevantes no contexto social de maneira extrovertida, que podem ser utilizadas, tanto no momento das histórias, como em atividades de enriquecimento pós-história.

A pesquisa com o título “Contação de histórias como estratégia ativa de aprendizado de língua inglesa no contexto do ensino infantil” será baseada em estudos teóricos com a utilização de materiais bibliográficos além do detalhamento das oficinas *The Rainbow Fish*, *The lion and the mouse* e *Brown Bear, Brown Bear, what do you see?* e atividades posteriores as histórias, elaboradas para serem aplicadas em aulas presenciais, porém, em consequência da pandemia do COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), desde 2020 foram adotadas as medidas necessárias para o combate à repercussão do vírus. Dentre os protocolos de segurança orientadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), encontra-se a suspensão de atividades educacionais 100% presenciais em 2020 e a liberação de aulas semipresenciais em. Sendo assim, as instituições de ensino optaram pelo modelo on-line, híbrido ou através de vídeo aulas.

Este trabalho pretende levar aos docentes algumas propostas pedagógicas diferentes para o ensino de Língua Inglesa no contexto infantil, focando na aprendizagem de inglês para crianças de 6 e 7 anos com nível iniciante de inglês, através de histórias em inglês com adaptações de materiais e de vocabulário entre a língua materna e o segundo idioma a fim contribuir para aprendizagem infantil. Os estudos que contribuirão para o desenvolvimento teórico e prático desta pesquisa serão embasados nos argumentos apresentados por vários autores, dentre eles: Andrew Wright (1995), Bruno Bettelheim (2019), Cléo Busatto (2006), Beth Coelho (1994), Rubem Alves (1994) Nelly Novais Coelho (2000), Paulo Freire (1996), Roland Barthes (1976) e Vania D’Angelo Dohme (2017).

1 APRENDIZAGEM ATIVA: COMO ESTIMULAR AS CRIANÇAS DURANTE AS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Este capítulo traz uma contextualização do ensino da Língua Inglesa (LI) para crianças falantes de Língua Portuguesa, junto ao conceito de metodologias ativas, evidenciando a sua importância no processo de aprendizagem e como ela se aplica no ensino de inglês visando despertar o interesse deste público, bem como auxiliar na formação de pensamento crítico no processo de aprendizagem dos alunos.

1.1 O ENSINO ATUAL DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS

Muito se comenta sobre o futuro do ensino de LI e como ele se reinventará daqui para frente. O modelo tradicional de aula, com gramática e tradução, está cada vez mais desgastado, afinal, vivemos em uma sociedade em que a troca de informações é rápida e contínua, o que faz com que a cada dia os aprendizes se interessem por coisas diferentes e divertidas. É a partir deste desgaste que surgem as novas técnicas de ensino para que as aulas sejam vistas pelos educandos como algo agradável, ao mesmo tempo que traz conhecimentos válidos para toda a vida.

Na realidade educacional do Brasil, há diversas estratégias de ensino de LI na fase infantil, cujo público é falante da língua portuguesa e que, em sua maioria, não possui contato constante com a Língua Inglesa, o que torna menos eficaz o desenvolvimento nesse processo. Sendo assim, Ellis (1999) pontua que, para que haja a aquisição de uma língua, o ser aquisitivo precisa ter contato contínuo com o idioma alvo. Em contrapartida, o referido autor ainda ressalta que, se o indivíduo não faz uso constante desta língua, o processo para alcançar o conhecimento linguístico é chamado de aprendizagem. O ser inserido neste processo é caracterizado de aprendiz que, por sua vez, necessita de recursos e processos de estudo para que o conhecimento seja obtido de forma positiva.

As estratégias de ensino de inglês para crianças são pensadas e desenvolvidas com o objetivo de aplicar o conteúdo visando a diversão do aprendiz. Por esse motivo, várias escolas e professores que atendem o público infantil buscam se reinventar, a fim de tornar o ensino prazeroso. Além disso, muito se comenta sobre o ensino de Língua Inglesa com a inclusão de atividades, que são aceitas pelas crianças, respeitando a sua faixa etária, sempre objetivando o seu

desenvolvimento. Logo, é necessário que o professor planeje e transforme as suas aulas em momentos interessantes, com atividades que façam parte do mundo de imersão do grupo infantil e que acompanhe a maneira como as crianças adquirem as informações atualmente, com a utilização de histórias, músicas, atividades recreativas e gamificação. Assim, ao mesmo tempo em que a criança se diverte, ela adquire o conhecimento proposto.

Além disso, a aplicação desses recursos pode trazer mais benefícios ao aprendiz do que apenas as competências linguísticas da língua alvo, visto que o mundo infantil é construído não só pela facilidade do aprendiz na compreensão de conteúdos novos devido à sua formação cognitiva em andamento, mas por caminhos que são sustentados pela imaginação e pela ludicidade.

Ensinar inglês para crianças vai além de simplesmente mostrar como se usa o verbo “to be” ou “can/can’t”, falar sobre cores, animais ou lugares da casa, soletrar palavras e cantar músicas. Existe uma magia por trás de tudo isso, que faz com que a aprendizagem do idioma se torne fascinante e envolvente. A curiosidade, aliada à vontade de falar inglês, faz com que tenhamos, cada vez mais cedo, crianças motivadas e exigentes. (LEVENTHAL; ZAJDENWERG, 2007, p. 11)

As aulas de inglês para crianças por meio de estratégias lúdicas são essenciais para um bom aprendizado, e, se o aprendizado tem bons resultados, o ensino é satisfatório, inclusive para o docente. Porém, para que o ensino aprendizagem esteja coerente entre a teoria e prática, é necessário que professor e aluno compartilhem de uma vivência significativa para ambas as partes. Desta forma, a função do mentor não consiste apenas em dar aula compartilhando conhecimentos técnicos sobre a língua alvo, mas também ter consciência do que está fazendo, saber o momento certo de agir, planejar aulas contextualizadas, criar uma relação de respeito e confiança com seus alunos, entre outras coisas.

Como Miccoli (2011) ressalta, o professor deve ter consciência de que seu trabalho não começa na hora da aula e termina quando o sinal toca, ser professor é também o responsável por transmitir consciência da responsabilidade social para com seus discentes. Ensinar para o público infantil consiste também em ter empatia pelo público que, por estar em processo de formação, necessita de um cuidado do professor para com as características físicas, emocionais, sociais, linguísticas e intelectuais desses aprendizes. Nessa perspectiva, Leventhal e Zajdenweg (2007, p. 11) afirmam que: “[...] para nós, professores, refletir sobre nossos grupos é uma atividade constante”. Logo, a responsabilidade do docente se constitui não só na

aplicação de um conteúdo linguístico, mas também na empatia e cuidado pelos seus aprendizes.

Para que o professor construa essa consciência sobre o que significa ensinar, principalmente para crianças, é importante que ele esteja aberto à busca pelo conhecimento. Freire (1996) afirma que a procura pelo conhecimento é fundamental para todo e qualquer ensino. Isso dialoga com o que é discutido por Paiva (2009, p. 32) ao afirmar que, no ensino de uma língua estrangeira, “[...] é preciso que o professor saiba a língua, pois ninguém ajuda outra pessoa a aprender aquilo que ele mesmo não sabe”. Visto que o conhecimento sobre a língua é necessário para a prática de ensino, esse saber não se limita apenas na língua e suas estruturas, mas também nas estratégias adequadas para cada grupo aprendiz. Logo, é importante saber o que, como e para quem será ministrado, tendo em mente que cada grupo possui demandas de aprendizagem diferentes que necessitam de conhecimentos e técnicas específicas para resultados satisfatórios no ensino da língua alvo.

1.2 METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.

As metodologias ativas vêm ganhando destaque devido as transformações apresentadas pela sociedade juntamente com o avanço da tecnologia que possibilita ao aprendiz o desenvolvimento de pesquisas de forma mais rápida entre outras funções. Esse método já era foco de pesquisa de alguns estudiosos e consiste no protagonismo do aluno no processo de aprendizado, o que difere do ensino tradicional que por sua vez tem o professor como o total emissor de informações e o aluno como ouvinte em estado passivo durante todo o período de ensino, dando prioridade à teoria e posteriormente à prática sendo essa tardia ou até mesmo inexistente. Brasil (2018) nos traz a ideia de metodologias ativas sugerindo que o aprendiz deixe de ser apenas ouvinte e se torne formador de opiniões desenvolvendo a autonomia sobre a construção do seu próprio conhecimento. Do mesmo modo, Moran (2019) define os métodos ativos e acrescenta que há alteração de lugares entre a teoria e a prática.

Ao contrário do método tradicional, que primeiro apresenta a teoria e dela parte, o método ativo busca a prática e dela parte para a teoria. Nesse percurso, há uma mudança de ênfase, do **ensinar** para o

aprender, e de foco, do docente para o aluno, que assume a corresponsabilidade pelo se aprendido. (MORAN, 2019, p. 9)

Os métodos ativos possuem um importante papel no aprendizado por proporcionar ao discente maior aproveitamento em experiências através das descobertas feitas por ele mediante a prática. Para isto, o docente deixa de ser o emissor com total responsabilidade para atuar como mediador, enquanto o aluno passa a aprender atuando. Podemos ver os benefícios destas práticas, de forma mais nítida, sobre os métodos de aprendizagem segundo a “Pirâmide da Aprendizagem” desenvolvida pelo psiquiatra norte americano William Glasser, e ilustrada por Édipo Melo, como podemos observar abaixo:

Figura 1 - Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser



MELO, Édipo. A pirâmide de aprendizagem de William Glasser. 2021. Disponível em: <<https://digitalinnovation.one/artigos>> Acesso em 04 set. 2021.

Na imagem, o método passivo se caracteriza pelas práticas como leitura, escuta, observação, ver e escutar que estão representados entre 10 e 50%. Em contrapartida, temos os métodos ativos que se dividem em estratégias como conversas, debates, reproduções, classificações, numerações e definições as quais correspondem a 70 % de aproveitamento da aprendizagem. E por fim, a prática e a

ação de ensinar equivalem a uma média percentual entre 80 e 95% do aprendizado efetivo.

A ideia de Glasser tem como proposta retirar o aprendiz do hábito da memorização de conteúdo para promover a autonomia e a habilidade de aprender a aprender tendo o professor como direcionador. Esta por sua vez parte do mesmo ponto de vista de Freire (1996, p. 47) referindo-se ao papel do docente em afirmar “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Freire (1996) ainda enfatiza que, para ensinar é necessário ter curiosidade para estimular questionamentos no aprendiz, promovendo pensamentos para além de conteúdos programáticos no âmbito escolar, o qual é referido por Alves (1994) como local de construção de perguntas em função de um aprendizado significativo.

Partindo dessa concepção, a mediação do professor pode ser contextualizada de diferentes maneiras como, por exemplo, a *Problem Based Learning*¹ (PBL) que, segundo Neto e Soster. (2017, p. 43), caracteriza-se como método ativo pontuando que, “o aluno se envolve ativamente na elaboração do problema, identifica-o, reúne recursos e trabalha em equipe para resolvê-lo.” Outra estratégia para a aprendizagem ativa é a *Project Based Learning*² (PJBL) que é a alternativa de aprendizado que conta com a participação ativa do aluno sozinho ou em equipes para elaboração de projetos a partir de uma necessidade ou problema com o direcionamento como é apresentada por Moran (2019). As metodologias ativas também contam com o aprendizado mediante a *Time Based Learning*³ (TBL) que referido por Neto e Soster (2017, p. 43) “caracteriza-se como uma forma colaborativa de trabalho que pressupõe a formação de equipes”.

É importante ressaltar que a resolução de problemas, criação de projetos e a colaboração entre os membros de uma equipe proporcionam ao estudante o amadurecimento que poderá ser utilizado em situações cotidianas ao longo da vida e, como podemos observar em Brasil (2018), os valores e contribuições para a sociedade necessitam fazer parte dessa educação. Contudo, esses fatores não anulam a importante função do professor, uma vez que, este continua com a responsabilidade de mediar, observar e avaliar o seu aluno com a finalidade de

¹ Tradução livre: Aprendizagem baseada em problema.

² Tradução livre: Aprendizagem baseada em projetos.

³ Tradução livre: Aprendizagem baseada em equipe.

impulsionar o aprendiz no processo de ensino aprendizagem, como mencionado por Silva, Biegging e Busarello:

A metodologia ativa causa impactos na participação e formação integral a partir de diálogo e reflexões. O modelo ativo do fazer pedagógico é centrado na problematização, e não na memorização do conhecimento. Por isso, intensifica a formação de indivíduos pensantes e críticos, competências elementares à sociedade contemporânea. (SILVA, BIEGING e BUSARELLO, 2017, p. 9)

As metodologias ativas também desempenham um valioso papel no ensino de Língua Inglesa para o público infantil, que é o foco desta pesquisa. Dentre as estratégias mencionadas por Silva, Biegging e Busarello (2017) encontra-se o lúdico que é considerado por muitos estudiosos como instrumento eficaz para o grupo infantil incluindo o aprendizado de LI para falantes de Língua Portuguesa. Essas atividades estão distribuídas em diversas áreas tendo como exemplos a música, os jogos, as brincadeiras e a contação de histórias que, por sua vez, prendem a atenção e estimulam a criança a se concentrar de modo ativo e prazeroso. Conforme Montessori (2003, *apud* SILVA, 2017, p. 21) “A criança deve amar tudo aquilo que aprende e que está ligado ao seu crescimento mental e emocional.” sendo assim, para que sejam reconhecidas como metodologias ativas, essas atividades precisam da contextualização adequada sob o planejamento do mediador.

Conforme mencionado anteriormente, umas das formas de aplicação das metodologias ativas é a utilização do *storytelling*⁴, a qual esta pesquisa em questão busca estudar. Quando contamos uma história, compartilhamos experiências a fim de obter a atenção do receptor em diferentes contextos. Essa estratégia ativa consiste também na função de agregar conhecimentos aos alunos, desde que estejam contextualizadas conforme o objetivo do professor ao estimular o aprendiz as novas descobertas. Além disso, Valença e Tostes (2019) descrevem a prática do *storytelling* como forma de impulsionar o desenvolvimento ativo do aluno.

O uso do *storytelling* é moldado a partir da escolha do tema, processos e dinâmicas, com o objetivo de promover atividades de incentivo e “provocar o incômodo” necessário para que o engajamento dos estudantes ocorra de forma orientada, mas não totalmente controlada. (VALENÇA; TOSTES. 2019, p. 231)

⁴ Storytelling é a junção das duas palavras: Story (história) e telling (contar). Que significa a arte de contar histórias.

As metodologias ativas consistem na autonomia do educando do início ao fim da aprendizagem, bem como, na avaliação de forma processual. As etapas a serem avaliadas partem do conhecimento do mentor sobre a sua turma. Além disso, Doug (2021) ressalta que o professor pode incluir atividades em meio a aula, como forma de examinar seus alunos, ou solicitar avaliações nos períodos finais tais como construção de portfólio e autoavaliação, sendo que, o *feedback*⁵ faz parte desse processo. Sendo assim, podemos notar em Brasil (2018) que o contexto de avaliação no aprendizado ativo, refere-se a como o aluno aplica o que aprendeu em seu cotidiano, agregando valores a sua vida pessoal, profissional e social.

⁵ Feedback é a ação retornar uma informação, projeto ou ideia com avaliações ou sugestões ajustes.

2 ENSINO E NARRATIVA: A APREDIZAGEM ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS

Nesta seção, serão apresentadas as narrativas como principal estratégia no ensino de Língua Inglesa e sua importância para o grupo infantil, visando o aprendizado contextualizado de forma lúdica, a fim de contribuir no desenvolvimento cognitivo da criança e trazer resultados positivos de maneira agradável.

2.1 LITERATURA INFANTIL

Ao longo dos anos, diversas pesquisas e estudos vêm levantando informações sobre a sexta arte, conhecida como literatura. Muito se fala sobre o que é este movimento artístico, como por exemplo, qual a sua função na sociedade? Qual a influência das obras literárias sobre os leitores e variados grupos que ela atua? E qual é a sua definição? Segundo Coelho (2000, p. 27): “[...] a literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão”. Pensamento este que concorda com Lajolo (2001) ao afirmar que “O que é literatura?” é uma pergunta permanente, mas possui respostas provisórias, afinal a literatura é uma forma de expressar ideias e pensamentos que estão condicionadas à mudança e adaptação.

Essa arte de expressar pensamentos e sentimentos por meio da palavra oral ou escrita está ligada à época em que o ser humano vive, sendo assim, Lajolo (2001) afirma que tudo pode ser considerado literatura, desde uma pintura na parede até uma história criada por uma mãe. Desta forma, a literatura e a história estão diretamente ligadas. Afinal, como a sociedade muda constantemente, a mente do ser humano tende a seguir essas mudanças e os autores buscam expressar o que estão sentindo naquele momento, pode-se afirmar que a literatura é vivida.

O leitor/aprendiz tende a possuir concepções variadas sobre diversos assuntos os quais estão relacionados ao seu conhecimento. Essas concepções vão se transformando de acordo com o contato com as artes literárias. É possível afirmar que a obra literária depende constantemente da iniciativa ou do âmbito social em que o autor se encontra. Cândido (2016) discute que a literatura é um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os receptores, pois só vive na medida

em que estes a vivem. O público é o que dá sentido à obra literária e sem este público a literatura não se realiza.

A literatura dá ao leitor a oportunidade da vivência com seus sentimentos, do seu autoconhecimento, além da relação entre o conteúdo literário e o seu cotidiano. Desta forma, Parreiras (2012) afirma que a formação do cidadão leitor e a criação de opinião crítica podem ser desenvolvidas através do contato com a literatura. O convívio com a literatura e a comparação entre as obras literárias com a vida real torna o leitor, o autor da sua própria fala, pois se o pensamento crítico é formado, a vontade de externá-lo ganha sentido e força diante das situações reais.

A arte literária está presente em diferentes meios e, ao longo dos anos, ela foi ganhando forma e públicos específicos, tal como o público infantil que foi chegando de maneira particular com adaptações e detalhes essenciais para a compreensão deste grupo.

“[...] as obras literárias eram *reduzidas* em seu valor intrínseco, mas atingiram o novo objetivo: atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar”. (COELHO, 2000, p. 29-30)

Sendo assim, as transformações idealistas sobre ser criança do ponto de vista literário têm ajudado editoras de livros e autores na criação de suas obras, que buscam incentivar o seu público infantil, o qual é beneficiado com a formação de opinião e pensamento crítico por meio da literatura.

Acredita-se que os primeiros resquícios da leitura infantil surgiram de forma oral através de histórias, que eram contadas por diversas pessoas como uma forma de entreter o público em geral. Era bastante comum, na Idade Média, que pessoas se reunissem ao redor de fogueiras para ouvir histórias contadas por cavaleiros que relatavam acontecimentos de aventuras durante suas viagens. A lenda do “Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda” é um exemplo para relatar essa prática, como discute Moura (2017, p. 23) ao citar Arcibald e Putter (2009) que relatam o fato de “um padre de Worcestershaire e um dos primeiros escritores a recontar as lendas do Rei Artur, profetizou [...] que o lendário rei e suas conquistas e feitos heroicos seriam uma fonte inesgotável para contadores de histórias até o fim dos tempos.”

Aos olhos da sociedade passada, as crianças eram consideradas como miniadultos, sendo assim, não possuíam privilégios ou particularidades em relação as outras faixas etárias. Coelho (2000) afirma que graças às regras presentes nos

“valores tradicionais” daquela época, a fase de inexperiência e fragilidade da criança deveria ser encurtada ao máximo para que os garotos pudessem assumir o seu posto de vida como adultos o mais rápido possível. Porém, entre o final do século XVII e o início do século XVIII, devido à alteração nos valores sociais, a forma com que a criança é vista pela sociedade sofre mudanças.

Ao final do século XVII, a literatura voltada para o público infanto-juvenil se tornou um gênero literário, graças às mudanças sociais juntamente com a iniciativa do padre, teólogo e poeta, Francois Fénelon (1651-1715), que, ao atender o pedido da duquesa de Beauviller, dedicou algumas de suas obras para o público infantil, com o intuito de ensinar às crianças valores relacionados às leis moralistas daquela época. Com essa afirmação, Carvalho (2015) concorda com o pensamento de Aguiar (2001) sobre a finalidade de ensinar maneiras impostas pela sociedade por meio da linguagem infantil.

[...] os primórdios da literatura infantil são marcados pela intenção de formar a criança, de ensinar comportamentos de atitudes e de sedimentar uma ideologia. Durante muito tempo, as obras infantis serviam principalmente a esse propósito e só aos poucos deixaram de lado o pedagogismo e o moralismo para conquistar seu *status* artístico. (AGUIAR, 2001, p. 24)

As histórias narradas por Fénelon eram transmitidas de maneira oral e em constante transformação de vocabulário, mas as narrativas ganharam uma nova forma de chegar até o público infantil por meio de Charles Perrault (1628-1703) que, segundo Telles (1993), adquiriu a sua importância como escritor por transcrever algumas histórias infantis, além da sua dedicação na melhoria dos significados de contos transcritos, uma vez que esses possuíam mensagens distantes do que a sociedade queria que a criança passasse a enxergar. Tais obras como “O gato de botas”, “A bela adormecida” e “Os contos da mamãe gansa” obtiveram uma repercussão positiva o que deu início aos contos de fadas, como ressalta Carvalho (2015). Além de Perrault, Hans Christian Andersen (1805-1875), Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1776-1859), também conhecidos como Os Irmãos Grimm, foram escritores importantes na repercussão dessas histórias tornando-as vivas até os dias de hoje que, assim como antes, são utilizadas para fins variados, tais como, divertir, ensinar, informar e auxiliar na percepção de uma visão de mundo, que muitas vezes são refletidos numa comparação entre as vivências descritas nas histórias e a vida real do leitor/ouvinte.

2.2 STORYTELLING: AS NARRATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS

A oralidade era utilizada pelo ser humano antes do surgimento da escrita, para descrever acontecimentos e estabelecer o entendimento entre as pessoas, possibilitando assim a formação de grupos com vivências particulares, resultando em construções históricas e culturais. A história de um povo é criada através de fatos, os quais são compartilhados entre as gerações, onde as memórias permanecem constantes na sociedade independente do tempo em que ela é discutida. Conforme Barthes (1976), a narrativa ultrapassa o tempo, os lugares, as gerações e está presente em todas as sociedades, sendo assim, ela acompanha a história da humanidade. Embora existam nações cuja língua seja diferente, toda, e qualquer, sociedade possui sua identidade que é conhecida até mesmo por povos diferentes por meio de suas histórias.

Independente das histórias serem contadas, há muitos anos ou nos dias de hoje, elas são narradas e descritas mediante a linguagem que é utilizada para que o ser humano possa compartilhar informações, interagir, ensinar, aprender e estabelecer a comunicação que, por sua vez, também está vinculada ao papel que a literatura exerce no âmbito social onde ela está inserida, como discute Pound (1977). Portanto, as histórias, a linguagem e a literatura estão diretamente ligadas. Bakhtin (2004) ressalta que a linguagem percorre entre os aspectos que ela está presente por meio da palavra, estabelecendo a comunicação entre o emissor e receptor.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2004, p. 113).

A oralidade possibilita que as narrativas estejam presentes na história do homem desde os primórdios e que acontecimentos ainda permaneçam na memória do ser humano até os dias de hoje, onde ainda possuem bastante influência na vida do indivíduo. Entre as formas de expressão, é possível afirmar que a oralidade é o meio comunicativo mais antigo e considerada a primeira habilidade que o ser

humano adquire ainda na infância, devido a esta desenvoltura a criança atribui outras competências como por exemplo: a compreensão e a própria fala. Ao afirmar que “só ouvindo as novas palavras o falante pode se apropriar dela”, Aguiar (2001, p. 37) discute a questão de como o meio oral é importante para o ser humano e como esta forma comunicativa favorece o seu aprendizado. Pensamento esse que se aproxima do que é mencionado por Abramovich (2001, p. 16) ao afirmar que “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente.”, essa fala torna mais claro a importância das narrativas orais na construção linguística do indivíduo.

As narrativas têm conquistado o seu espaço no mundo literário por oportunizar descobertas para quem as lê e ouve. Afinal, a medida em que as histórias foram sendo adaptadas para grupos específicos, como a literatura infantil nos mostra, elas passaram a servir não só para relatar acontecimentos passados, mas para proporcionar o desenvolvimento em vários aspectos na vida dos seus leitores e ouvintes. Dessa forma, além de fornecer melhorias linguísticas, as narrativas, promovem ensinamentos necessários de forma prazerosa através de suas obras como, por exemplo, as fábulas, lendas, mitos, parábolas e os contos de fadas.

Os contos de fadas são narrativas fundamentais na fase infantil, a criança ainda está em processo de descoberta de si e do mundo, além de estar aberta ao universo da fantasia. Em razão disso, essas narrativas dispõem-se em utilizar as suas estruturas para auxiliar o leitor/ouvinte no desempenho de várias questões reais tendo como referência as ficções. Dentre tantos motivos pelos quais é importante o contato da criança com as histórias, Bettelheim (2019) enfatiza a aprendizagem por meio dos contos de fadas.

[...] pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. (Bettelheim, 2019, p. 12)

Além desse pensamento, os contos de fadas são vistos por Abramovich (2001) como mediadores no autoconhecimento da criança, por conterem personagens e situações semelhantes à vida real, porém com uma linguagem diferente do seu cotidiano. Isso desperta na criança emoções como alegrias, tristezas, insegurança, raiva, bem-estar, entre outros. Dessa forma, é notável o quão importante os contos de fadas são na fase infantil, ao mesmo tempo que são bem aceitas por este público.

Além dos seus benefícios, as narrativas orais podem contribuir positivamente no desenvolvimento da compreensão, sobretudo quando há um objetivo específico de ensino. Nesse caso, ao ter contato com a língua alvo, o aprendiz tende a melhorar a sua compreensão, embora ela seja vista como a mais complexa no aprendizado em comparação com as outras habilidades linguísticas, como expõe Oliveira (2015). O autor afirma que ao se expor a essa habilidade, o aprendiz aumenta a sua capacidade de armazenar as informações partidas do que foi ouvido e assim ampliar o seu vocabulário. Portanto, ao ouvir as histórias em outra língua, ao alcançar a compreensão oral, a criança tende a agregar o que ouve ao seu aprendizado, podendo ser externada de diversas formas, inclusive através de outras habilidades linguísticas.

Dentre as diversas formas de fazer do ensino um processo agradável, contar histórias pode ser uma estratégia significativa no ensino de inglês, por conduzir a criança à diversão através do enredo proposto em cada narrativa. Ainda que a contação seja uma forma lúdica, ela precisa ser feita de maneira que mantenha o aluno interessado do começo ao fim, para que, dessa forma, a língua alvo seja incluída e desenvolvida com o aproveitamento da narração. Portanto, Bertelheim (2019) afirma que a curiosidade da criança deve ser despertada juntamente com o entretenimento, no momento da contação, para que a história ganhe a atenção da criança, de modo geral, deste o começo até o fim. Entretanto, para que esse momento recreativo seja eficaz, provém do compromisso do educador para com os seus alunos. Sendo assim, a escolha do que será contado deve ser feita a partir de um pensamento literário propício ao público, respeitando as preferências, culturas e idade das crianças, pensamento esse apontado por Coelho (2006) ao discutir sobre como as histórias podem ter o objetivo de ensino alcançado, ao mesmo tempo em que as crianças são conquistadas em seu momento de diversão.

Para o aprendiz que não é falante nativo de Língua Inglesa, e ainda se encontra em nível inicial, Wright (2015) propõe algumas formas de contar histórias para este público, como por exemplo, histórias que sejam contadas parcialmente na língua alvo e na língua materna, além de recomendar que as imagens sejam utilizadas de acordo com a história a ser narrada, bem como, o uso correto da entonação da voz e repetição de palavras. Todas essas sugestões contribuem para bons resultados no ensino de LI de maneira lúdica, visando as habilidades a serem desenvolvidas juntamente com a diversão da criança.

2.3 FORMAS E RECURSOS PARA CONTAR HISTÓRIAS

Contar histórias para crianças é uma tarefa que exige estudo, cuidado e valorização da estrutura das narrativas que consiste em gênero, enredo e personagens. Café (2020), traz a importância de estudar a narrativa antes de levá-la ao público ao afirmar que “Para se contar uma história, se faz necessário conhecer profundamente o texto. A ponto de dominá-lo como se ele fosse seu, [...]”. A partir da compreensão antecipada da história, o narrador pode introduzir diversas maneiras de levar as narrativas aos ouvintes, com adequações do ambiente que segundo Conceição (2019) não se limita ao espaço da sala de aula, e que ambientes como quadra, pátio e espaços ao ar livre e diferentes, podem trazer resultados positivos para a aprendizagem com histórias. Além disso, é importante que haja a organização dos personagens partindo da estrutura da história que segundo Coelho (2006) consiste em introdução, clímax e desfecho.

A prática de contar histórias também envolve o conhecimento sobre a média de idade e a habilidade linguística em inglês da turma, que como mencionado na introdução, esta pesquisa foca na faixa etária de 6 e 7 anos e nível iniciante de inglês. Tais informações são de suma importância para que docente selecione histórias e atividades adequadas. Wright (1995) recomenda que as atividades para este público sejam com vocabulário simples e limitado, devido a sua capacidade de reconhecer as palavras e associá-las ao seu cotidiano.

Além disso, a utilização de algumas técnicas de apresentação corporal e vocal são importantes para uma boa narração. De acordo com Dohme (2017), estas ferramentas são importantes no momento da contação, por expressarem o envolvimento do contador com a história auxiliando na compreensão do espectador inclusive no ensino de inglês. A autora ainda destaca que, entre as formas de usar a voz, em determinados momentos, o silêncio, se necessário entre as cenas, pode contribuir nesse processo por expressar emoções como medo pela parte de um personagem, ou uma cena de suspense no decorrer da narrativa.

As variadas formas de contar histórias possibilitam experiências diferentes aos ouvintes e podem partir de adaptações feitas pelo narrador, sejam elas no vocabulário, ou nos materiais que fazem parte do momento. Todavia, os ajustes devem estar coerentes com a proposta da história, pois, a teoria e a prática estão

diretamente ligadas desde a preparação para a narrativa até o momento pós-história. Além disso, as histórias podem chegar ao público de várias formas. Dentre elas, através da música, que de acordo com Coelho (2006, p. 27) “Estudar uma história é também inventar músicas ou adaptar a letra a músicas conhecidas, conforme sugestão do texto, que são introduzidas no decorrer do enredo ou no seu final”. A sonorização nas histórias também pode contribuir como dinâmica antecedente a narrativa a fim de preparar as crianças para o momento seguinte.

As histórias também podem ser narradas a partir da proposta com cartões, que consiste na aquisição de baralhos de histórias ou confecção de cartões com cenas e personagens. Esse material permite que a história seja contada tanto na ordem original, como pode ser um instrumento para uma narrativa construída com o público, possibilitando a participação ativa das crianças. Além disso, algumas atividades de pós-histórias como reconto e construção de outros desfechos tornam-se possíveis através dos cartões, uma vez que eles possuem cenas de personagens separadamente.

Outro recurso para a realização da narrativa são os dedoches e fantoches, onde o narrador disponibiliza os seus movimentos para dar vida aos personagens através das suas mãos ao utilizar os fantoches, e os dedos ao optar pelos dedoches. A partir desse material, a história pode ganhar cenário através de caixas de papel com imagens de acordo ao enredo do conto.

O narrador também pode fazer do livro o seu aliado mantendo a forma tradicional de levar a história até as crianças. Muitos livros de histórias infantis contam com ilustrações que possuem um papel importante no desenvolvimento do conto por terem encenações e personagem fixos sobre o enredo. Café (2020, p. 30), aponta os livros como uma das maneiras que o ser humano possui para adquirir informação ao afirmar que estes materiais “[...] são hoje mais acessíveis do que há vinte anos, ou antes, podendo ser encontrados em escolas e bibliotecas públicas, em ONGs e projetos de instituições variadas”. Além dos livros físicos, a tecnologia oferece os livros digitais, que servem de material principal para outras formas de contar histórias, como o cinema em que os livros são visualizados por meio telas de tv, computador ou por retroprojetores.

Para que o conto ganhe um significado diferente do modo tradicional, o uso de aventais é mais uma alternativa adotada por vários contadores de histórias. Nesse formato, o cenário da história consiste no próprio avental, geralmente com

pedaços de velcro que é preenchido no decorrer da narrativa através dos personagens de tecido ou EVA que ficam dentro do bolso do avental até que o narrador os retire e coloque no cenário de acordo ao enredo apresentado.

Não podemos deixar de mencionar as ilustrações de papel e os desenhos em EVA que também são opções para contar histórias, a fim de motivar as crianças de forma simples. Os personagens e cenários deste material podem fazer parte de uma narrativa autoral ou adaptada tornando o momento agradável para as crianças e acessível ao professor ou narrador.

3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS E PANORÂMA DE PESQUISA

Nesta seção, serão descritas quatro sugestões de oficinas para aplicação das narrativas como estratégia de ensino de inglês para crianças. Os procedimentos metodológicos detalhados consistem em momentos antecedentes à história, momento da contação da narrativa e pós-história, além dos materiais de apoio para a realização das atividades.

Tabela 1 - The Rainbow Fish

Autor	Duração	Objetivo	Atividade pós-história	Materiais
Marcus Pfister	2 aulas	Identificar as cores e seu correspondente na língua inglesa.	Brincadeira: <i>Rainbow fish's</i> cave. Adaptação brincadeira “Coelho na toca”.	Um peixe com escamas coloridas, uma estrela do mar, peixes menores de cores variadas, um polvo e uma caverna em EVA, miniaturas de peixes e escamas pequenas de papel colorido, celular, caixa de som e bambolês coloridos sendo duas ou três unidades de cada cor.

Para um primeiro momento, os alunos devem estar com as carteiras em uma parede, deixando a parede em frente para o cenário da história com a estrela do mar, a caverna e polvo para serem utilizados, respeitando a sequência de acontecimentos da narrativa. O professor pode utilizar o tempo do intervalo ou antes que os alunos cheguem na sala para arrumar o espaço. Em seguida, o professor deve sondar os alunos sobre o que eles acham que será a história de acordo com o que eles estão vendo na sala.

Logo após, o mentor põe um fundo musical para dar início a história, mesclando a língua materna com o idioma alvo com foco na repetição em inglês das palavras chaves, que nesse caso consistem em: “*Rainbow fish, little fish, beautiful, scales, colors, starfish, octopus*”⁶, as quais devem ser demonstradas através do material presente na Tabela 1. Além disso, as expressões contidas na história como “*Give one of your scales, please*”⁷, “*What? Who do you think you are?*”⁸ devem ser aplicadas seguindo as técnicas de contação de histórias como por exemplo, expressão facial e entonação.

Após a história, o professor deve dar um peixinho de papel para cada criança que terá direito de pedir uma *scale* dizendo a cor em inglês que ela achou mais bonita no *Rainbow fish* para colocar no peixe recebido. Logo após, o professor relaciona as cores que os alunos escolheram com o que temos ao nosso redor, como por exemplo: *Color blue*⁹ é a *color* do oceano, onde o *Rainbow fish* mora, assim fazendo com todas as cores.

Por fim, o professor realizará uma atividade, que serão utilizados os bambolês coloridos que devem estar no chão e espalhados no espaço escolhido para esta atividade. A orientação é que os alunos passem pelo espaço enquanto o professor estiver dizendo a palavra *swimming*¹⁰ repetidamente. A partir do momento em que o professor trocar a palavra anterior para uma cor em inglês, as crianças devem correr e entrar nos bambolês da cor mencionada. Se algum aluno errar a cor, ele deverá se dirigir à cor correta e pedir permissão para compartilhar o bambolê com os demais. Quando todos os alunos estiverem nos bambolês corretos, o professor deverá repetir a brincadeira trocando as cores dos bambolês até que todas sejam ditas.

⁶ Tradução livre: Peixe arco-íris, peixinhos, bonito, escamas, cores, estrela do mar, polvo.

⁷ Tradução livre: Me dê uma das suas escamas, por favor.

⁸ Tradução livre: Como? Quem você pensa que é?

⁹ Tradução livre: Azul

¹⁰ Tradução livre: Nadando

Tabela 2 - Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?

Autor	Duração	Objetivo	Atividade pós-história	Materiais
Bill Martin Jr / Eric Carle	2 aulas	Conhecer o vocabulário relacionado aos animais na língua inglesa.	Reconto através de cartões e desenhos	Cartões com os personagens da história, instrumento musical da preferência do professor, papel e lápis de cor.

Para a realização desta oficina, o professor deve anteriormente confeccionar cartões com os personagens da história ou utilizar o material disponível em Apêndice B. Em cada cartão haverá um personagem diferente, que são os seguintes: um urso marrom, um pássaro vermelho, um pato amarelo, um cavalo azul, um sapo verde, um gato roxo, um cachorro branco, uma ovelha preta, um peixe dourado, uma professora um com crianças e o último cartão com todas as cenas anteriores. Além disso, o professor deve criar ou adaptar uma melodia para aplicar nas rimas da narrativa, mencionado por Coelho (2006). Para o momento inicial, a sugestão é que as crianças estejam sentadas em um tapete de frente para o docente, que também estará sentado no chão, com cartões que serão utilizados para o primeiro momento. As peças devem estar com as cenas viradas para baixo na sequência da história, assim possibilitando que o professor convide os alunos para ajudá-lo a contar a narrativa através das rimas e de uma música. Logo após, o educador deve ensinar a melodia, utilizando o título da história, além de explicar o que a frase significa e, por último, solicitar as crianças que elas repitam a frase musicalizada. Feito isso, o professor deve iniciar a história.

Neste momento, o professor deve virar um cartão por vez e narrar a parte da história seguindo a melodia anteriormente apresentada e solicitando que as crianças repitam a mesma frase formando mini refrões. Dessa forma, a história será contada com a participação ativa das crianças através da repetição do personagem contido

nos cartões. É sugerido que a história finalize no cartão com a seguinte frase: “*I see children looking at me*”¹¹, para que possibilite a repetição das crianças na melodia, facilitando o momento seguinte.

Após a história, o professor deve colocar os cartões virados para cima na ordem diferente e convidar os alunos para realizar a atividade pós-história que está presente na Tabela 2. Nesse momento, o professor pode adaptar a frase da história incluindo o nome da criança que escolher o cartão, seguindo o exemplo: “Lucas, Lucas! *What do you see?*”¹² E a criança responde com a cena que contém no cartão escolhido por ela, como podemos ver no exemplo: “*I see a white dog looking at me*”¹³. A sequência pode se repetir de acordo com a quantidade de crianças participantes.

Para o último momento, a sugestão é que o professor ainda siga a atividade pós-história presente na Tabela 2 e distribua uma folha e papel ofício colocando os lápis de cor ao alcance das crianças e oriente-as a fazer um desenho do animal contido na história que mais lhe chamou atenção. As crianças podem utilizar a mesma cor do animal da história ou trocar de acordo ao seu interesse.

Tabela 3 - The lion and the mouse

Autor	Duração	Objetivo	Atividade pós-história	Materiais
Esopo	2 aulas	Ampliar o vocabulário sobre animais incluindo a afetividade nas amizades e respeito às diferenças.	Desafio caça às palavras mágicas.	Avental de TNT, feltro ou outro material, personagens de feltro ou EVA sendo eles: leões de formas diferentes (um dormindo, um

¹¹ Tradução livre: Eu vejo crianças olhando para mim.

¹² Tradução livre: O que você vê

¹³ Tradução livre: Eu vejo um cachorro branco olhando para mim

bravo ou apenas o rosto, um em uma armadilha e um leão alegre. Além de um rato e uma árvore. Minilivros e lápis de cor.

Para essa história, o professor deverá anteriormente confeccionar os minilivros de papel ofício com espaço na capa para que o aluno a confeccione de acordo ao seu interesse no final desta oficina. A quantidade de minilivros deverá ser equivalente a quantidade de alunos. Além disso, é sugerido que o professor prepare o ambiente, coloque o avental e organize os personagens no bolso na ordem na narrativa.

Posteriormente, as crianças serão orientadas pelo professor a sentarem nas cadeiras que estarão em círculo, a sugestão é que o educador esteja em pé no centro do espaço, vestindo um avental com os personagens que serão utilizados na história dentro do bolso. Antes de iniciar a narrativa, o professor pode usar um fundo musical para orientar as crianças a fazer uma preparação para a história. A sugestão é uma adaptação da dinâmica nomeada por Alencar (2020) de, Fabricando a concentração. Nessa dinâmica, o professor pede que alunos esfreguem as mãos e quando estiverem quentes, eles as coloquem nos ouvidos explicando que os alunos estão colocando a concentração nos ouvidos significando a importância da escuta. Posteriormente, o docente pede novamente as crianças que esfreguem as mãos e ao esquentarem as coloquem em frente ao rosto, exemplificando que a concentração está sendo fabricada na boca, lembrando o quão importante é a prática do silêncio no momento da história. Pela última vez, ao esquentar as mãos, os alunos as colocarão no coração, representando o acolhimento à história que será apresentada.

Neste momento, o professor inicia a narrativa, retirando as imagens do bolso do avental, de acordo com a sequência de acontecimentos, focando nas palavras chaves em inglês, sendo algumas delas: “*lion, mouse, little mouse, eat you, mouth, please, rope, idea, correct, thank, best, friend, happy*”¹⁴, com repetições, além da utilização de técnicas de contação de história sugeridas por Dohme (2017) como entonação da voz, expressão facial e corporal.

O momento seguinte consistirá em uma roda de conversa em que o professor poderá fazer perguntas para as crianças sobre interpretação da história, por exemplo, se a criança pudesse dar outro fim à história, qual seria? Se eles gostariam de dizer algo para algum personagem, qual cena eles mais gostaram e por quê? O professor deverá fazer uma pergunta a cada dois ou três alunos. Em seguida, o professor deverá distribuir os minilivros para os alunos solicitando que eles montem a sua história baseada na narrativa que foi contada, juntamente com as opiniões compartilhadas no momento anterior. Por último, a sugestão é que as crianças apresentem a sua história, se possível, utilizando o vocabulário com palavras em inglês apresentadas na narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de aprendizagem, notamos os desafios sobre ensinar uma segunda língua para um público que não costuma ter contato com a língua estrangeira apresentada, o que dificulta o processo de aprendizagem. Sendo assim, para a proposta metodológica, foi escolhido os *storytelling* como sugestão de estratégias nos métodos de ensino ativos para o ensino de LI, devido aos seus benefícios apontados por diversos autores sobre o aprendizado de forma significativa, que diferem da prática gramatical, focando em habilidades linguísticas através de atividades lúdicas.

Sabemos que é necessária uma disposição do professor para despertar o interesse na fase infantil, para isso, é preciso estudar o seu público e o que será feito em sala ou no espaço escolhido. Vale ressaltar que é necessário um ambiente preparado, afinal como foi visto, as narrativas possibilitam aprendizado e diversão

¹⁴ Tradução livre: leão, rato, ratinho, devorar, boca, por favor, rede, ideia, correto, obrigado, melhor, amigo, feliz.

por se tratar de momentos que o aluno se interessa pelo enredo, por algum personagem ou até mesmo pela forma como a história chega até ele.

O espaço onde a história ganha vida pertence tanto ao estudante como ao professor que, no que lhe concerne, tem o papel de orientar o discente a se tornar o protagonista do seu aprendizado, a partir da necessidade de estimular a imaginação e contribuir para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Sendo assim, foram adaptados os materiais e o vocabulário das narrativas que servirão como apoio para os futuros resultados através desta proposta de ensino de LI para o público infantil.

Um exemplo a ser lembrado é o da Oficina 1, onde o professor conta a história do *Rainbow Fish* – que ao final do conto o peixinho se torna muito simpático e mostra como é importante a prática do compartilhamento entre amigos, pois a cada vez que ele doava uma escama, rapidamente, ele se sentia mais feliz. Levando assim a criança a desenvolver o espírito altruísta, além da afetividade com o próximo.

Com base no que foi contextualizado, é possível observar que a contação de histórias possibilita que o aluno tenha uma visão ampla do seu meio, assim se tornando um formador de opiniões e conhecedor do ambiente em que vive. Podemos observar isso na atividade pós-história da oficina 3, como já discutido, o aluno terá a oportunidade de contar a narrativa da sua maneira, assim podendo expressar as suas ideias mediante aos problemas encontrados e as soluções vistas por ele. Essa é uma atividade em que é perceptível a liberdade do aprendiz para formar a sua opinião.

Isso nos remete a independência do aluno, que pode ser incentivada em outro exemplo, como na Oficina 2, em que após ouvir a história o aluno terá a liberdade de alcançar novos resultados a partir dos instrumentos disponíveis naquele momento. Desta maneira, o aprendiz guia a narrativa sem pressão de qualquer outra pessoa ou de instruções a serem seguidas.

Sendo assim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o ensino-aprendizagem do aluno. Mas também, se almeja que professores, principalmente da educação infantil, sintam-se inspirados pelas atividades aqui propostas, assim deixando de lado os métodos já conhecidos e usados da mesma maneira há anos onde o aluno é visto como nada além de um receptor. Despertando o desejo de optar pela inovação da metodologia tendo em mente que os resultados adquiridos não serão limitados apenas a conteúdos de sala de aula, mas também possibilitará o

aprendiz em outros aspectos de sua vida. Afinal, o ensino infantil é a base para todo o desenvolvimento daquele ser humano. Despertar a vontade de aprender em uma criança é uma forma valiosa de contribuir com o mundo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.
- ANDRADE, Júlia Munhon de. **O ensino de Língua Inglesa na educação infantil**. 2017. Disponível em: <<http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1373/1/PF2017Julia%20Munhon%20de%20Andrade.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 37 ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CARVALHO, Alexandre. **Literatura infantil, revisitando suas origens**. 2015. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/portal/literatura-infantil-revisitando-suas-origens/#.YT1I951KjIU>> Acesso em: 20 jan. 2020.
- COELHO, Beth. **Contar histórias – uma arte sem idade**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias 1: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- DOUG, Lemov. **Ensinando na sala de aula on-line: sobrevivendo e sendo eficaz no nove normal**. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Pense, 2021.
- ESOPO. **As fábulas de Esopo** (em texto bilíngue: grego-português). Tradução direta do grego, prefácio, introdução e notas de Manuel Aveleza de Sousa. Rio de Janeiro: Thex, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LEVENTHAL, Lilian Itzicovitch, ZAJDENWERG, Ruth Bron, SILVERIO, Tatiana. **Inglês é 11!**: para professores de fundamental 1: (1º ao 5º ano). Barueri: DISAL. 2007.

M01 AULA 2 DINÂMICAS E MÚSICAS. Lívia Alencar. **Youtube**. 17 set. 2020. 6min12s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OqsYnKd-SRY&t=142s>> Acesso em: 20 ago, 2021.

MORAN, José. **Metodologias ativas de bolso**: como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda. São Paulo. Brasil, 2019.

MOURA, Fernanda Karovsky. **O Rei Artur através dos séculos**: uma trajetória das lendas arturianas. **Revista Entrelaces**. V. 1 nº 10, jul. – dez. 2017.

NETO, Octavio Mattasoglio; SOSTER, Tatiana Sansone. **Inovação acadêmica e aprendizagem ativa**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Aula de inglês**: do planejamento à avaliação. São Paulo: Parábolas Editorial, 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia In: LIMA, Diógenes Cândido (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa**. Conversa com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som a literatura**: livros para bebês e crianças. 1. ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 3. ed. São Paulo. Ed. Cultrix, 1977.

SILVA, Andreza Regina Lopes da; BIEGING, Patricia; BUSARELLO, Raul Inácio. **Metodologia ativa na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

SILVA, Zeneide. **Todo educador precisa saber....** Recife: Prazer de Ler, 2017.

TELLES, Carlos Queiroz. PORTELA, Fernando. MUNIZ, Flávia. BRAZ, Júlio Emílio. **Sete faces dos contos de fadas**. São Paulo: Moderna, 1993.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção. **Histórias infantis no ensino da língua inglesa para crianças**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UEL. Londrina. 2005.

WRIGHT, Andrew. **Storytelling with children**. New York: Oxford University Press, 1995.

APÊNDICE A – The Rainbow Fish

The Rainbow Fish

A long way out, em um mar de cor blue, morava um fish que vivia swimming, swimming... Mas não era qualquer fish, era o fish mais beautiful of the ocean. Ele tinha colorful scales, suas scales eram de cor blue, yellow, orange, green, pink and purple.

Por causa da sua beleza, os outros fishes chamavam aquele fish tão beautiful de Rainbow Fish.

Eles gostavam tanto do Rainbow fish que viviam convidando-o para juntos brincar.

“Come on, Rainbow Fish, play with us!” Mas o Rainbow Fish passava em silencio e cheio de orgulho, esbanjando as suas beautiful scales.

Um certo dia, um little fish de color blue seguiu o Rainbow Fish dizendo:

“Rainbow Fish, espere por mim! Wait for me! Please, give me one of your scales. Me dê uma das suas escamas. Elas são tão beautiful e você ainda tem um muitas delas”.

Com um cara nada agradável, o Rainbow Fish respondeu! “What? Você quer uma das minha special scales? Quem você pensa que é? Who do you think you are? Saia de perto de mim. Go!”

O little fish saiu nadando dali imediatamente. Chocado e muito chateado, ele contou o que havia acontecido para os seus friends, os outros fishes. Eles também ficaram chateados e começaram a se afastar todas as vezes que o Rainbow Fish se aproximava.

O Rainbow Fish percebeu que estava ficando sem friends. E começou a se perguntar. Do que valia ter beautiful scales se não tinha mais ninguém para admirá-las? Agora, o Rainbow Fish era o fish mais solitário daquele imenso ocean.

Um certo dia, ele conversou sobre o que estava acontecendo com a starfish. “Starfish, eu sou tão beautiful. Porque, ninguém gosta de mim? Why doesn’t anybody like me?” E a starfish respondeu: “Oh, Rainbow Fish, eu não tenho uma resposta para te dar. But, se você for nadar mais um pouco, você vai encontrar uma cave e lá haverá um Octopus, um polvo sábio. Talvez ele possa te dar um help.”

O Rainbow Fish foi swimming, até que ele encontrou a cave. Estava muito escuro, quase não dava para enxergar. Porém, em meio aquela escuridão rapidamente apareceu o animal que poderia dar um help para o Rainbow Fish, o octopus.

Com sua voz grave e lenta, o octopus disse: “Eu esperei por você, Rainbow Fish! I have been waiting for you! Eu sei da sua story e eu tenho um conselho para você. Dê uma beautiful scale para cada fish que te pedir. Você não será o fish mais beautiful do ocean, mas você vai descobrir como ser muito happy.”

O Rainbow Fish recusou o conselho do Octopus. “No, I can’t!” Mas ao dizer isto, o Octopus já havia desaparecido na escuridão. Então o Rainbow Fish voltou pensando: “Vou ter que dar minhas scales? Minhas beautiful scales? Como eu poderei ser muito happy sem elas?”

Nesse momento, ele sentiu a claridade tocar em suas barbatanas. E quando ele olhou, o little blue fish estava de volta. He was back!

“Rainbow Fish, please, não fique angry comigo. Eu só gostaria de ter uma beautiful scale.”

O Rainbow Fish pensou em dar uma scale bem small para o little fish. Talvez ele não sentisse falta de apenas uma scale. Sendo assim, cuidadosamente, o Rainbow Fish retirou a scale de color pink e deu ao little fish.

O little fish ficou tão happy, mas tão happy, que ele e agradeceu ao Rainbow Fish e saiu swimming de uma forma como nunca havia nadado.

A partir daquele momento, um sentimento diferente tomou conta do Rainbow Fish. E por muito tempo ele via o little fish swimming muito happy com a beautiful scale.

Ao ver o little fish different, os outros fishes também queriam uma colorful scale.

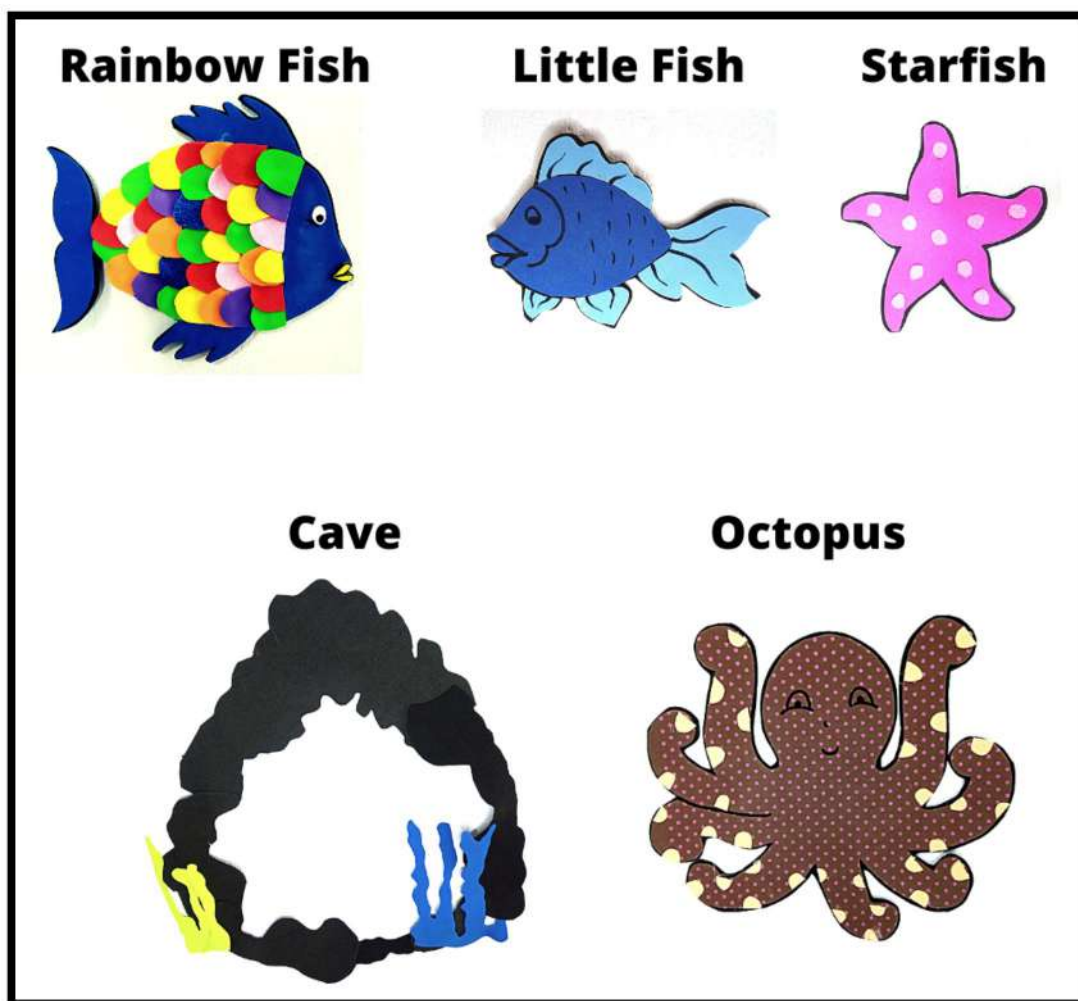
Assim, o Rainbow Fish compartilhou suas scales dando uma de cada color aos outros fishes. E logo havia muitas beautiful and colorful scales espalhadas pela água,

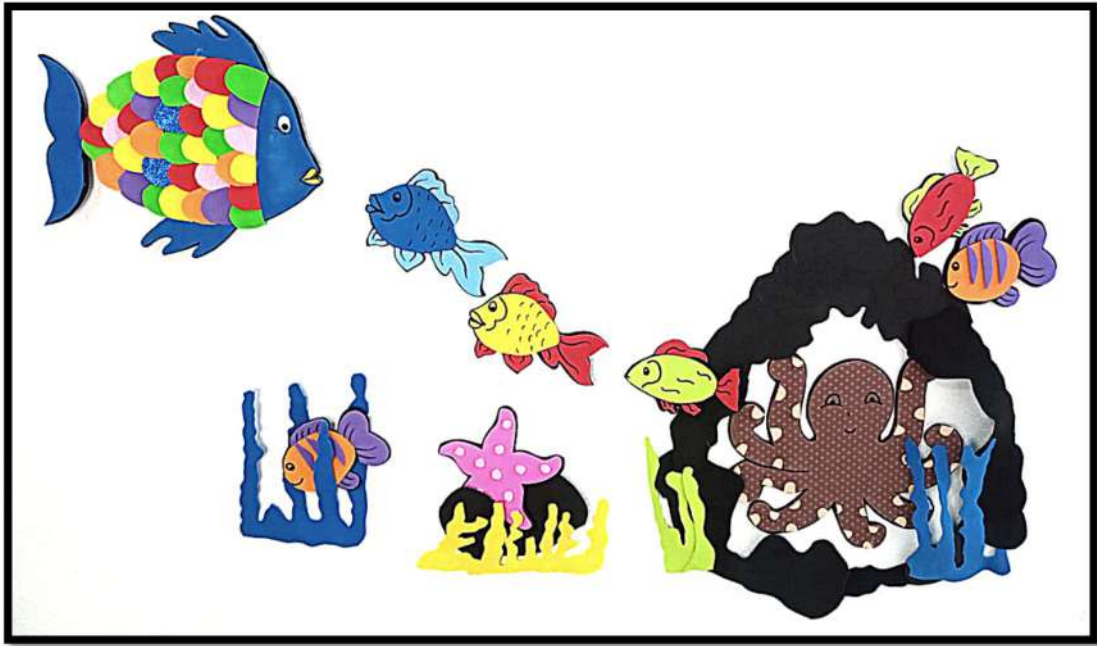
o que fez com que o Rainbow Fish se sentisse cada vez melhor em um lar que ela o dele.

O Rainbow Fish tinha menos scales do que antes, mas finalmente ele estava very happy. Ele e os outros fishes que por estarem super happy, viviam chamando o Rainbow Fish para brincar. E desta vez, o Rainbow Fish estava lá.

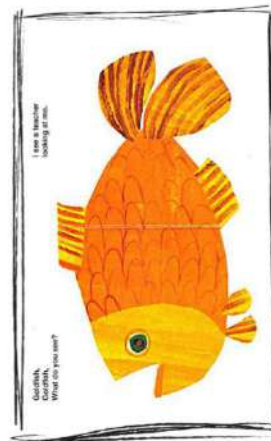
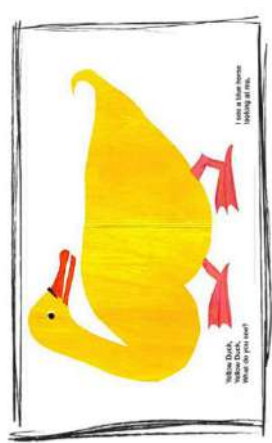
“Come on, Rainbow Fish! Come and play with us!”

“Oh, yes! Here I come.”





APÊNDICE B – Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?



APÊNDICE C – The lion and the mouse

The lion and the mouse

Um lion estava dormindo em um dia lindo de sol. Quando um mouse, a little mouse saiu para brincar. O mouse pulou no pescoço do lion e deslizou por suas costas. Então, com um grande golpe, o lion capturou o little mouse.

“I’m going to eat you! Eu vou devorar você, seu mouse atrevido! Onde já se viu acordar o lion, o rei da selva?”

Dizendo isso, o lion abriu a sua mouth dando um alto rugido, fazendo o pobre mouse chorar.

“No, please! Don’t do it! Não faça isso! Se você for gentil comigo, um dia, eu te darei um super help.”

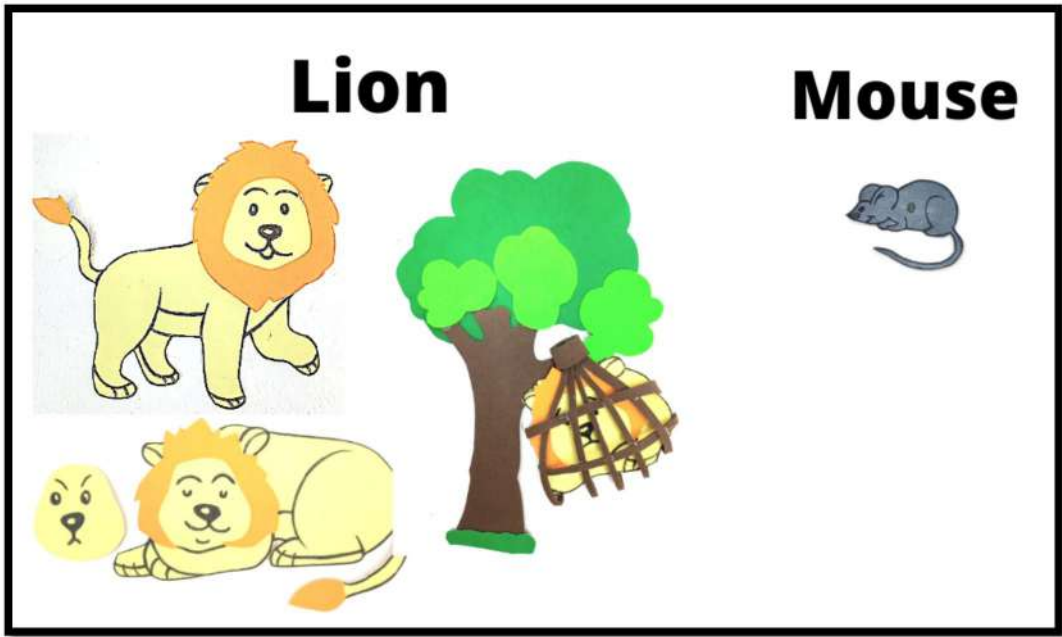
“Eu sou um lion” Você só é um mouse” o que você poderia fazer por mim?” E o lion começou a rir tão forte que o mouse aproveitou a sua mouth aberta para correr dali.

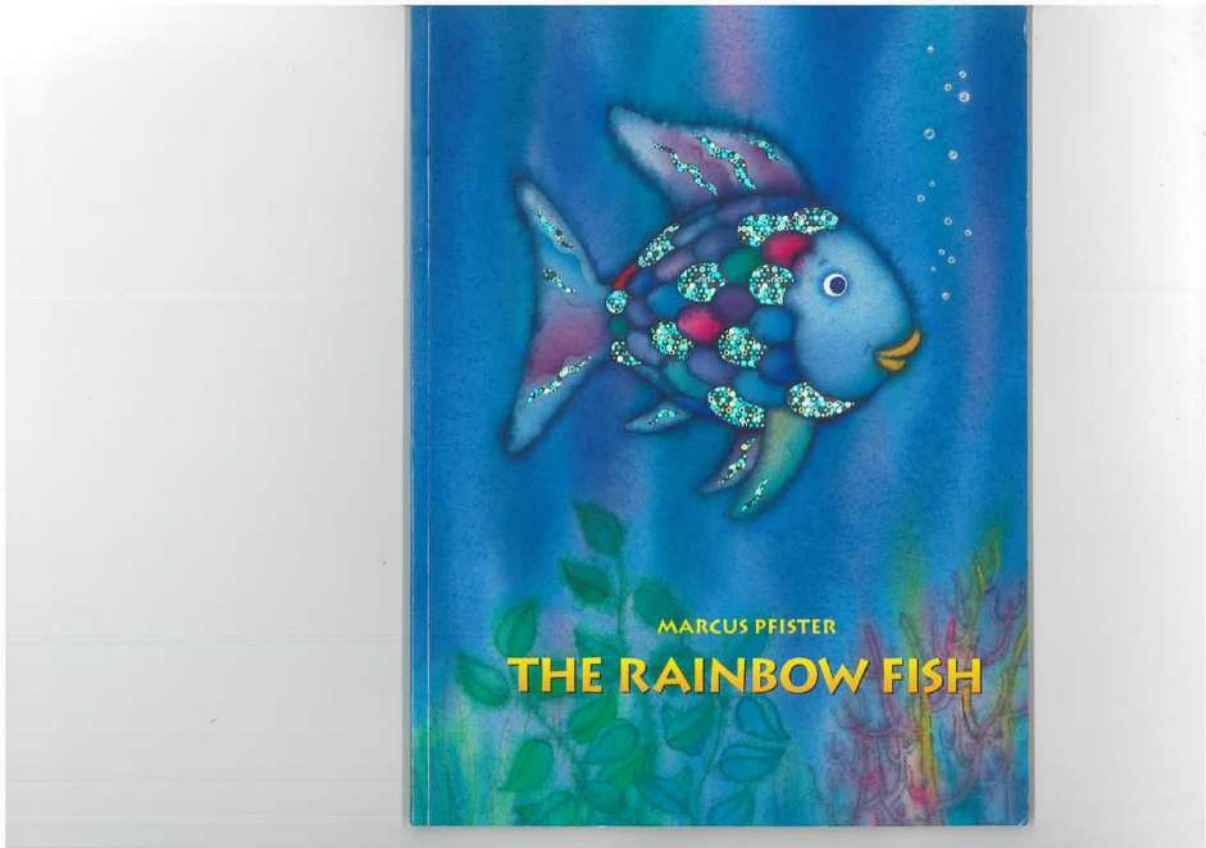
But, no dia seguinte, o mouse estava passeando, quando escutou um barulho. Era um rugido conhecido, mas estava diferente. Quando o mouse olhou e viu que o lion estava preso em uma rope. O pequeno animal teve uma very good idea, decidiu roer a rope para libertar o lion daquela terrível armadilha.

Quando toda a rope foi rompida, o lion conseguiu se salvar. E imediatamente com o mouse falar.

“Oh, little mouse, eu não tinha mais esperanças. Você estava correct. Thank you so much. Eu estou livre. You é o melhor amigo, the best friend que poderia existir.”

So, the mouse and the lion viraram friends, and they were happy foverer.



ANEXO A – The Rainbow Fish ¹⁵

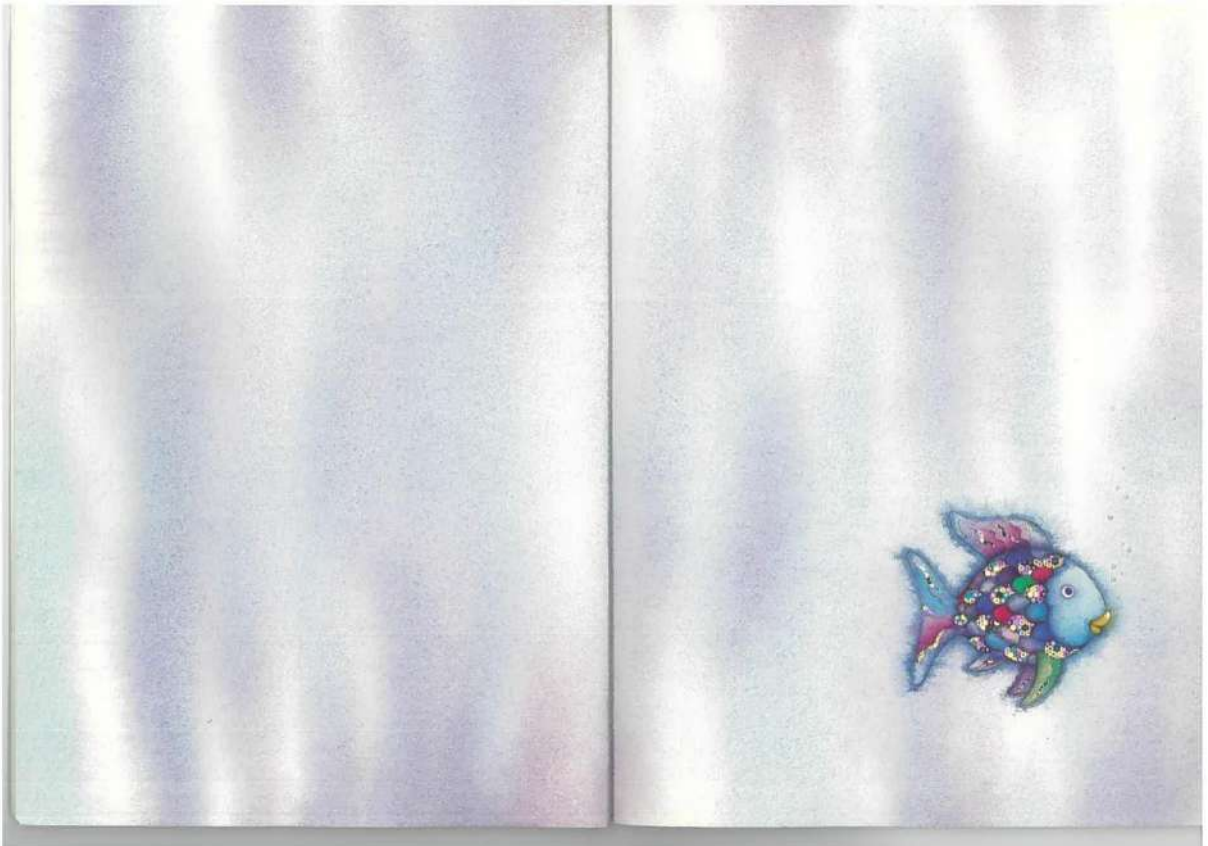
¹⁵ Disponível em: https://lindfield-p.schools.nsw.gov.au/content/dam/doe/sws/schools/l/lindfield-p/lfh---week-3/The_rainbow_fish.pdf Acesso em: 15 out.2021.



Sarah Buckle

MARCUS PRISTER is the author of the phenomenally successful Rainbow Fish series, as well as many other books for children. He has worked as a graphic artist, a sculptor, a painter, and a photographer as well as a children's book creator.

North
South



for Brigitte

Copyright © 1992 by Houghton Mifflin Co., 233 South Wacker Drive, Chicago, IL 60606.
 First published in paperback under the title *Die Regenbogenfisch*
 English translation copyright © 1992 by Houghton Mifflin Books Inc., New York, NY 10019.

All rights reserved.
 No part of this book may be reproduced or stored in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or any information storage and retrieval system, without permission in writing from the publisher.

This published in the United States, Great Britain, Canada, Australia, and New Zealand in 1992 by Houghton Mifflin Books Inc., an imprint of Houghton Mifflin Co., 233 South Wacker Drive, Chicago, IL 60606.
 Distributed in the United States by Houghton Mifflin Books Inc., New York, NY 10019.
 First paperback edition published in Great Britain, Australia and New Zealand in 2007.



A 50% recycled cover for this book is available from The Book Company.
 Printed in China by Colorful Offset, November 2011.
 ISBN 978-0-7030-8200-1 (hardcover)
 978-0-7030-8200-1 (hardcover)
 ISBN 978-0-7030-8200-1 (paperback)
 978-0-7030-8200-1 (paperback)
 www.hmco.com
 Houghton Mifflin Books Inc. www.houghtonmifflin.com

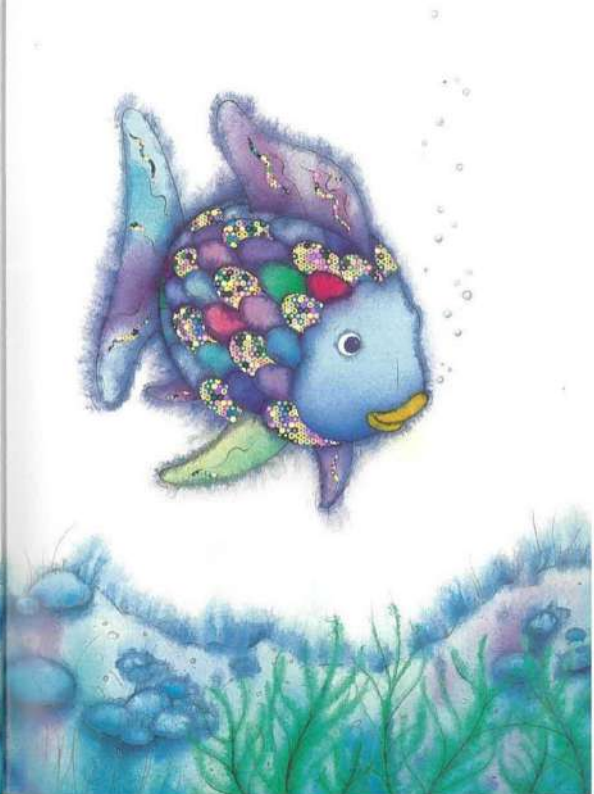
MARCUS PFISTER
THE RAINBOW FISH



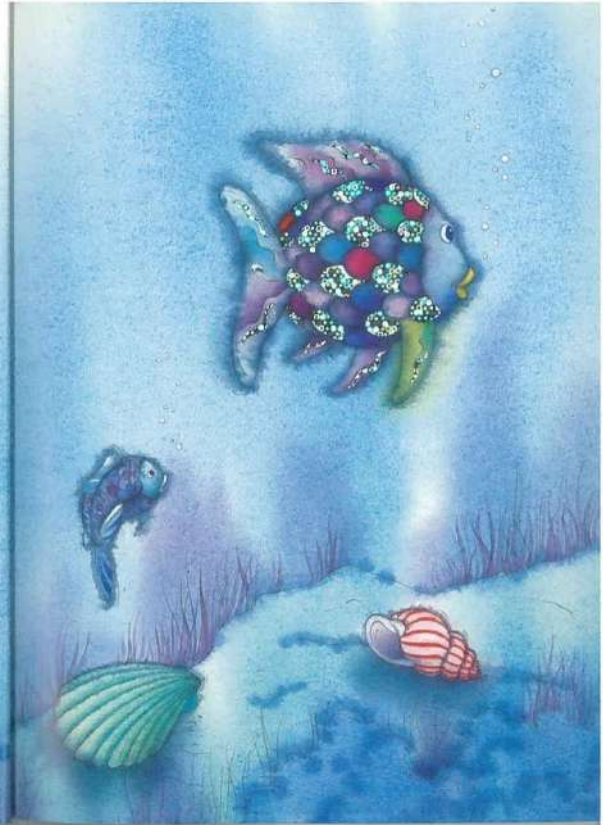
TRANSLATED BY J. ALISON JAMES



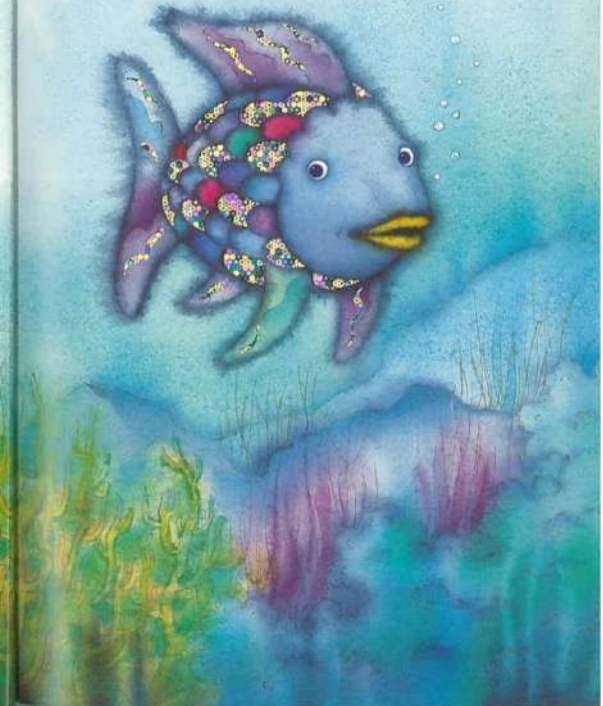
A long way out in the deep blue sea there lived a fish. Not just an ordinary fish, but the most beautiful fish in the entire ocean. His scales were every shade of blue and green and purple, with sparkling silver scales among them.

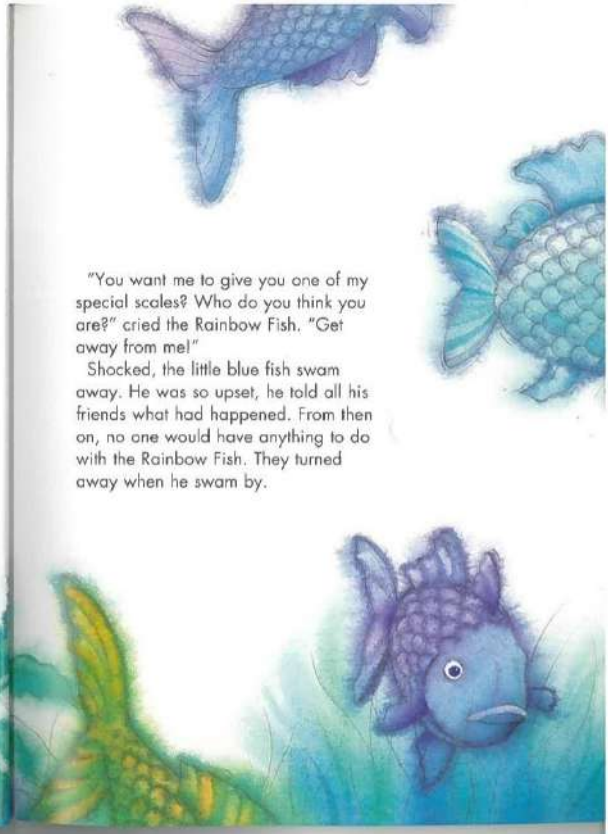
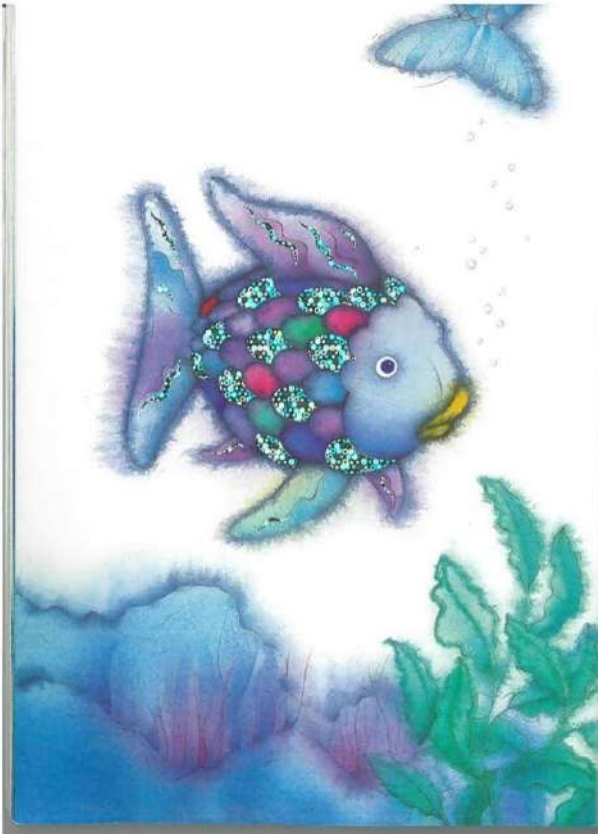


The other fish were amazed at his beauty. They called him Rainbow Fish. "Come on, Rainbow Fish," they would call. "Come and play with us!" But the Rainbow Fish would just glide past, proud and silent, letting his scales shimmer.



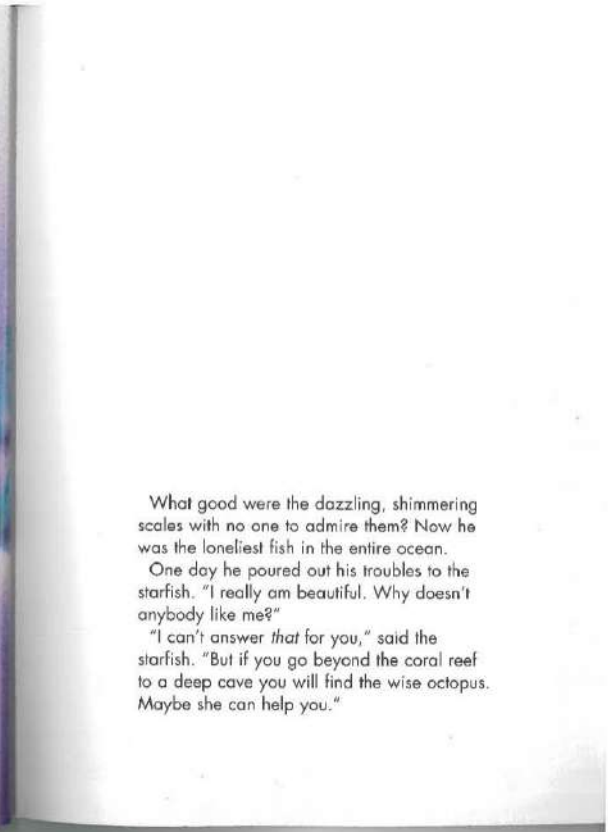
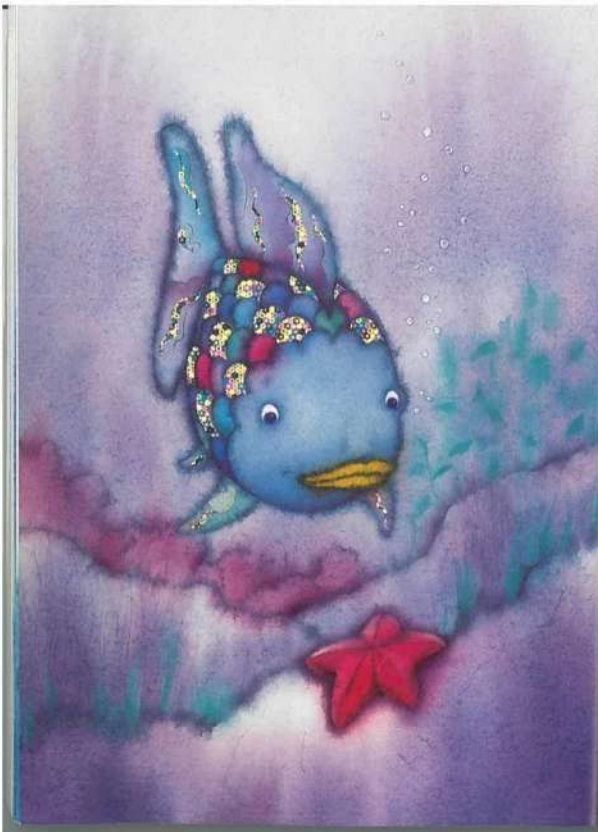
One day, a little blue fish followed after him. "Rainbow Fish," he called, "wait for me! Please give me one of your shiny scales. They are so wonderful, and you have so many."





"You want me to give you one of my special scales? Who do you think you are?" cried the Rainbow Fish. "Get away from me!"

Shocked, the little blue fish swam away. He was so upset, he told all his friends what had happened. From then on, no one would have anything to do with the Rainbow Fish. They turned away when he swam by.

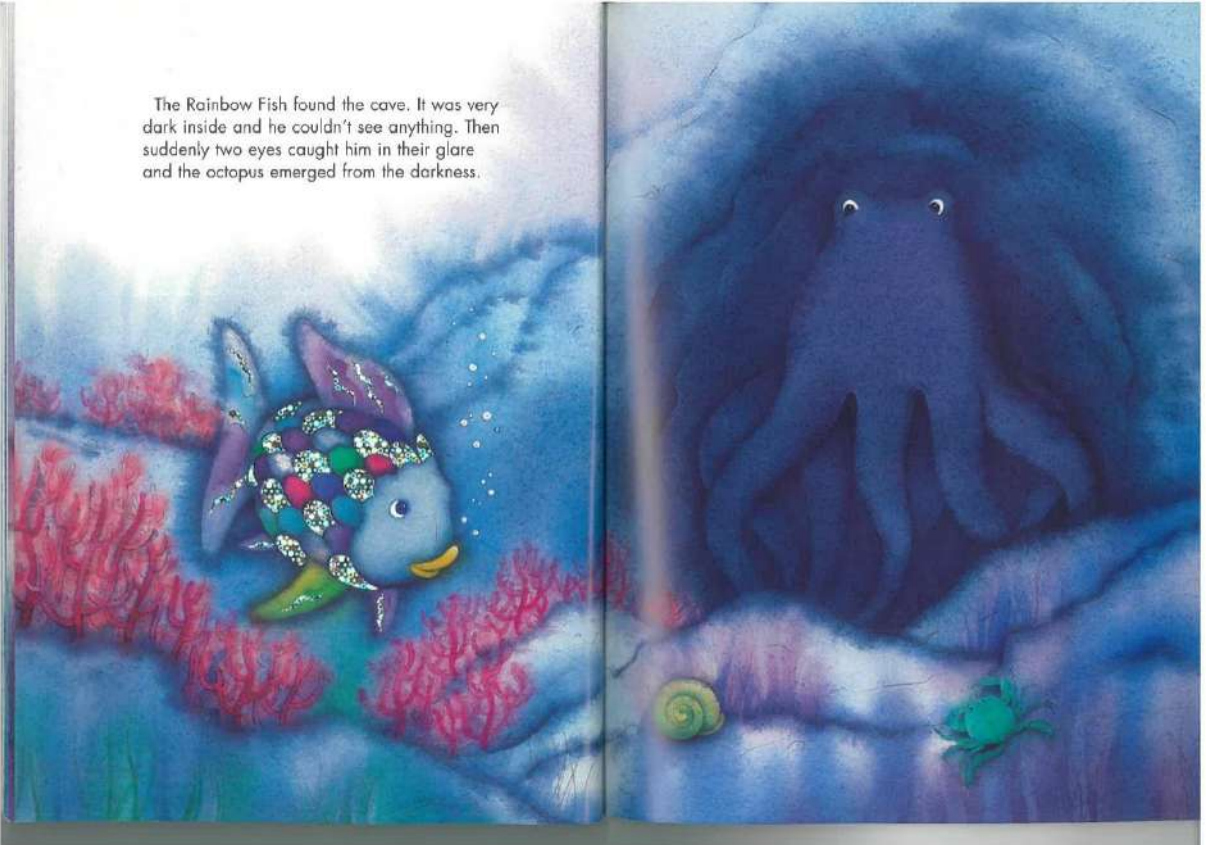


What good were the dazzling, shimmering scales with no one to admire them? Now he was the loneliest fish in the entire ocean.

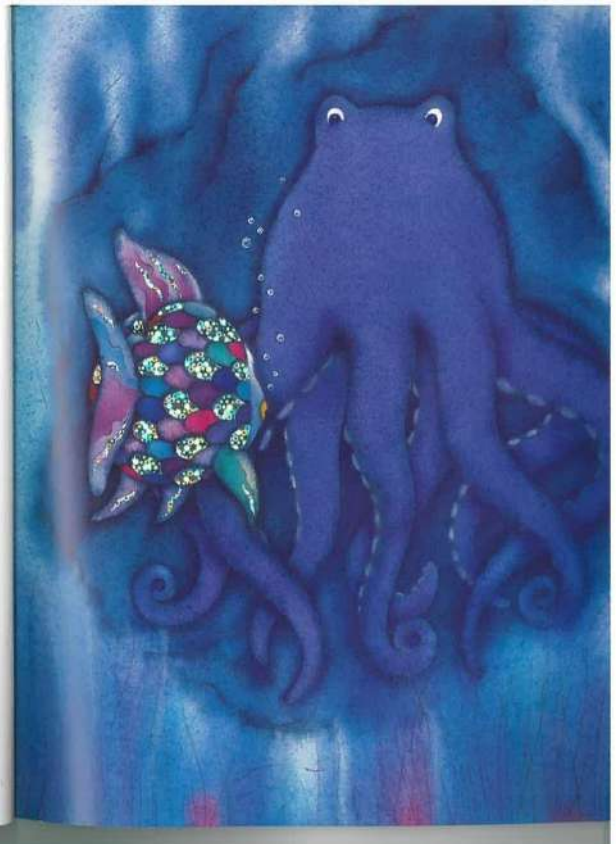
One day he poured out his troubles to the starfish. "I really am beautiful. Why doesn't anybody like me?"

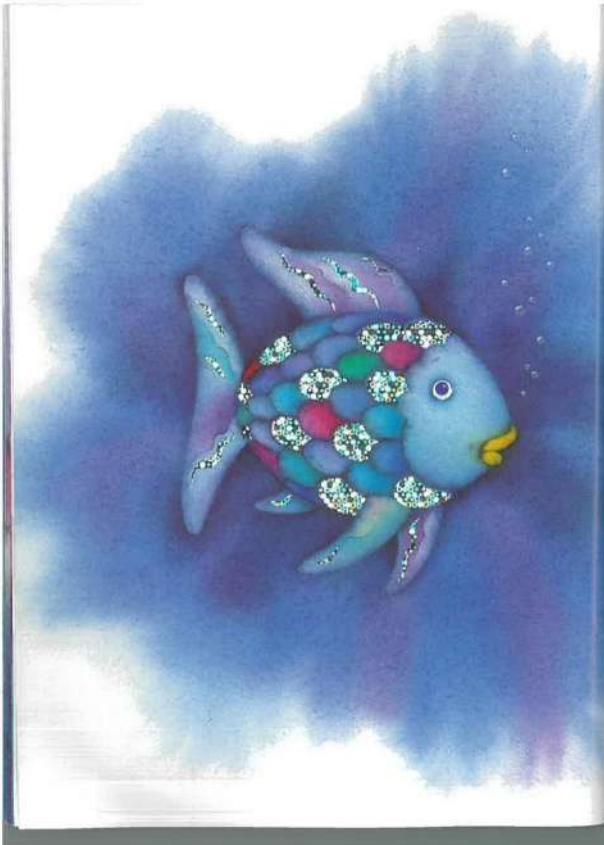
"I can't answer *that* for you," said the starfish. "But if you go beyond the coral reef to a deep cave you will find the wise octopus. Maybe she can help you."

The Rainbow Fish found the cave. It was very dark inside and he couldn't see anything. Then suddenly two eyes caught him in their glare and the octopus emerged from the darkness.



"I have been waiting for you," said the octopus with a deep voice. "The waves have told me your story. This is my advice. Give a glittering scale to each of the other fish. You will no longer be the most beautiful fish in the sea, but you will discover how to be happy."





"I can't . . ." the Rainbow Fish started to say, but the octopus had already disappeared into a dark cloud of ink.

Give away my scales? My beautiful shining scales? Never. How could I ever be happy without them?



Suddenly he felt the light touch of a fin. The little blue fish was back!

"Rainbow Fish, please, don't be angry. I just want one little scale."

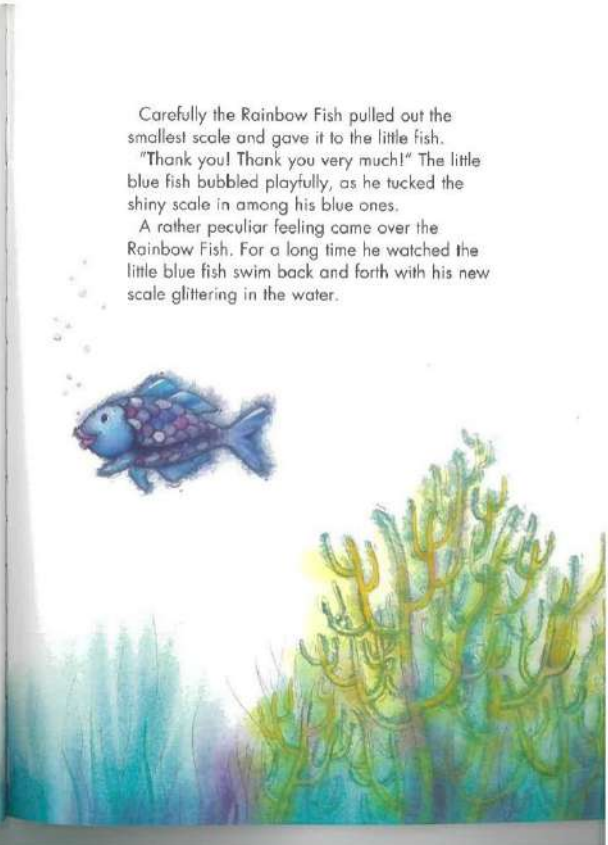
The Rainbow Fish wavered. Only one very very small shimmery scale, he thought. Well, maybe I wouldn't miss just one.



Carefully the Rainbow Fish pulled out the smallest scale and gave it to the little fish.

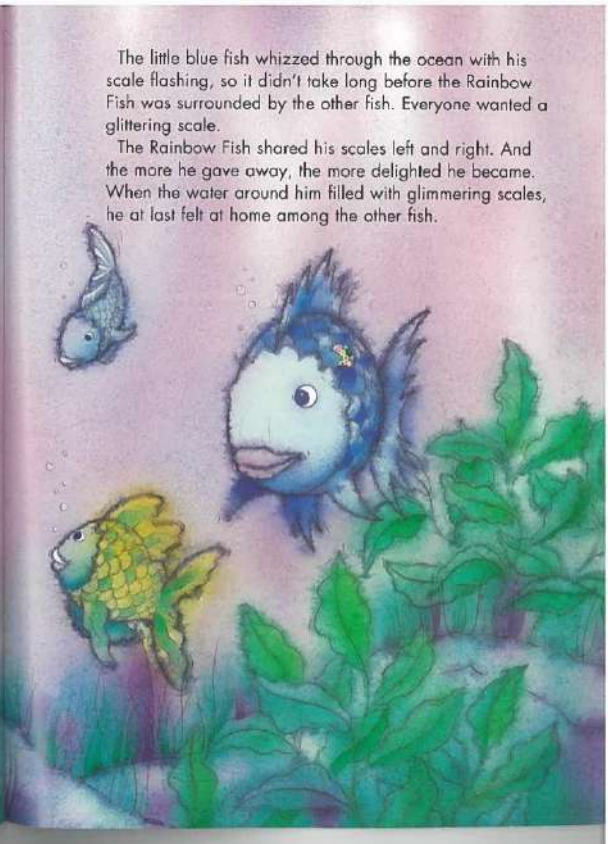
"Thank you! Thank you very much!" The little blue fish bubbled playfully, as he tucked the shiny scale in among his blue ones.

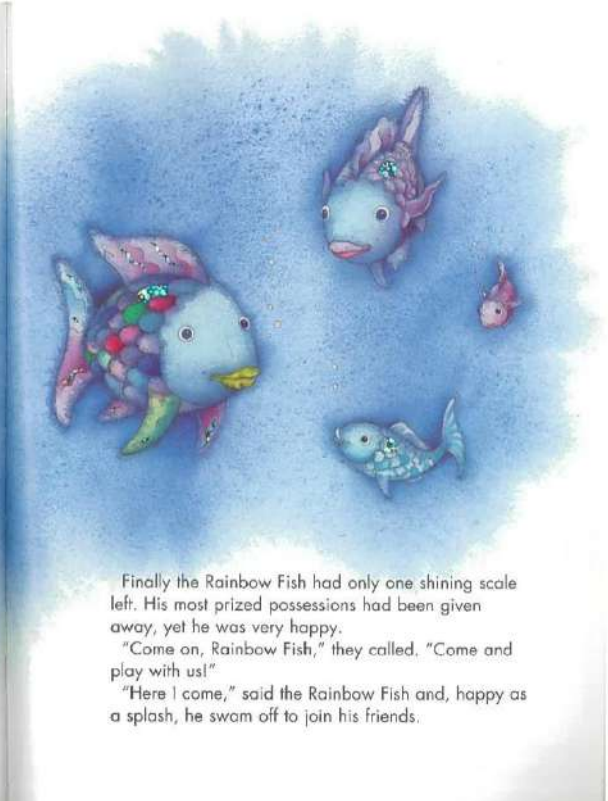
A rather peculiar feeling came over the Rainbow Fish. For a long time he watched the little blue fish swim back and forth with his new scale glittering in the water.



The little blue fish whizzed through the ocean with his scale flashing, so it didn't take long before the Rainbow Fish was surrounded by the other fish. Everyone wanted a glittering scale.

The Rainbow Fish shared his scales left and right. And the more he gave away, the more delighted he became. When the water around him filled with glimmering scales, he at last felt at home among the other fish.

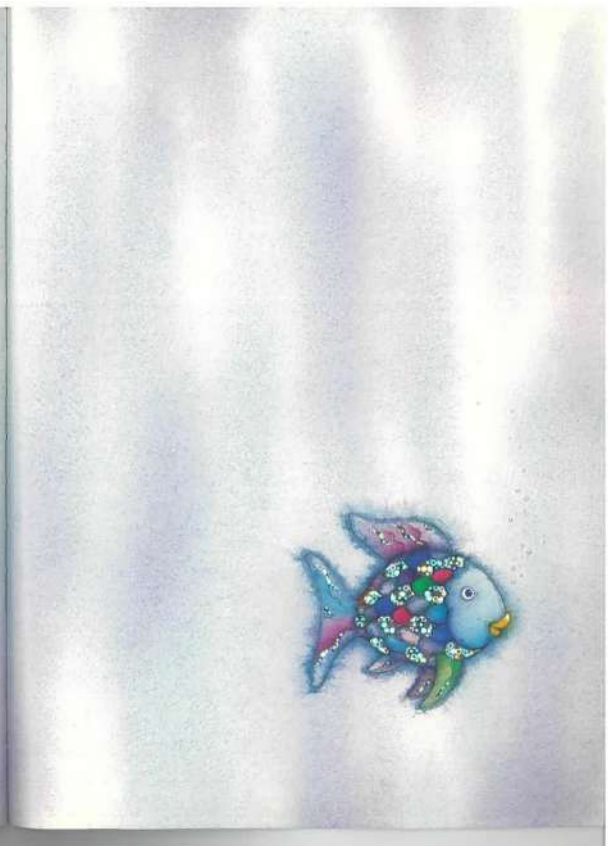




Finally the Rainbow Fish had only one shining scale left. His most prized possessions had been given away, yet he was very happy.

"Come on, Rainbow Fish," they called. "Come and play with us!"

"Here I come," said the Rainbow Fish and, happy as a splash, he swam off to join his friends.



Read all the Rainbow Fish Adventures

The Rainbow Fish
 Rainbow Fish to the Rescue
 Rainbow Fish and the Big Blue Whale
 Rainbow Fish and the Sea Monster's Cave
 Rainbow Fish Finds His Way
 Rainbow Fish Discovers the Deep Sea
 Good Night, Little Rainbow Fish

E6 99
 US \$9.95



The Rainbow Fish is an international best-seller and a modern classic. Eye-catching foil stamping, glittering on every page, offers instant child appeal, but it is the universal message at the heart of this simple story about a beautiful fish who learns to make friends by sharing his most prized possessions that gives the book its lasting value.

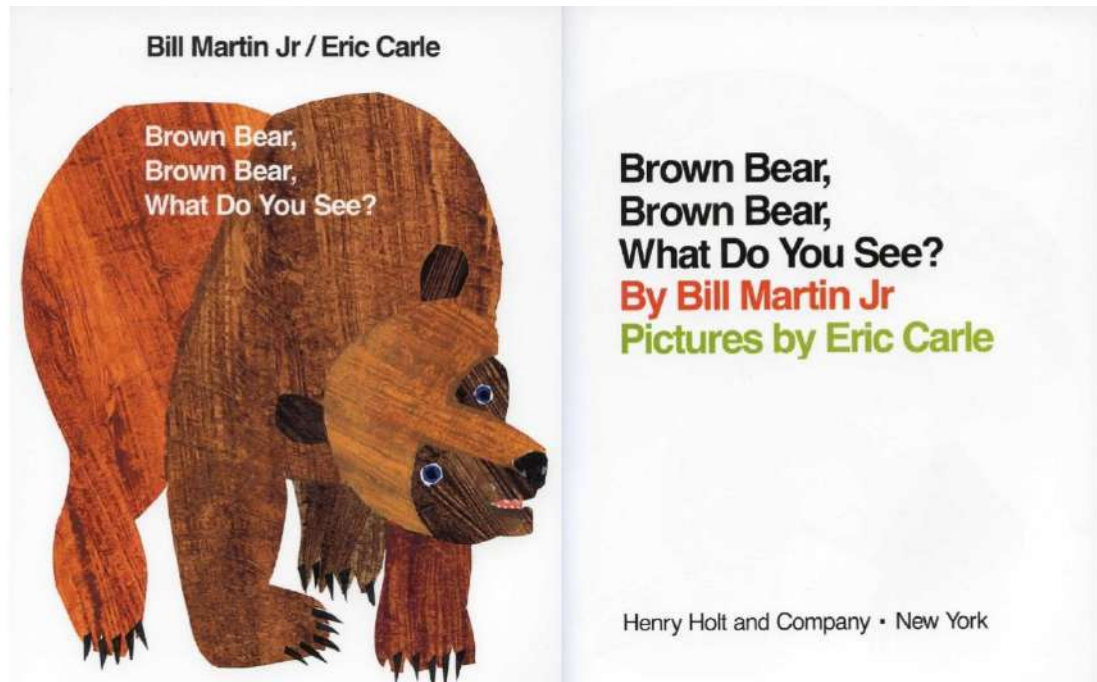
"Will fascinate preschoolers." —Backlist
 "A delightful tale." —Parade

A CHRISTOPHER AWARD WINNER
 WINNER OF THE BOLOGNA BOOK FAIR CRITICI IN ERBA PRIZE
 AMERICAN BOOKSELLER ABBY AWARD WINNER
 AN IRA/CBC CHILDREN'S CHOICE

Meet Marcus Pfister at www.marcuspfister.ch

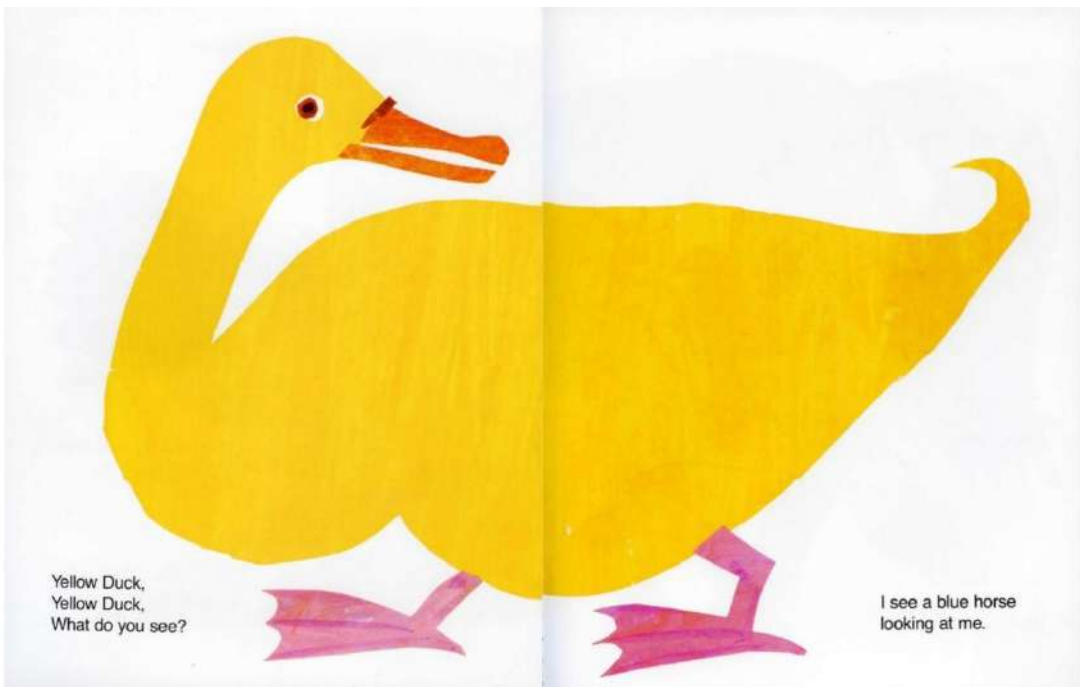


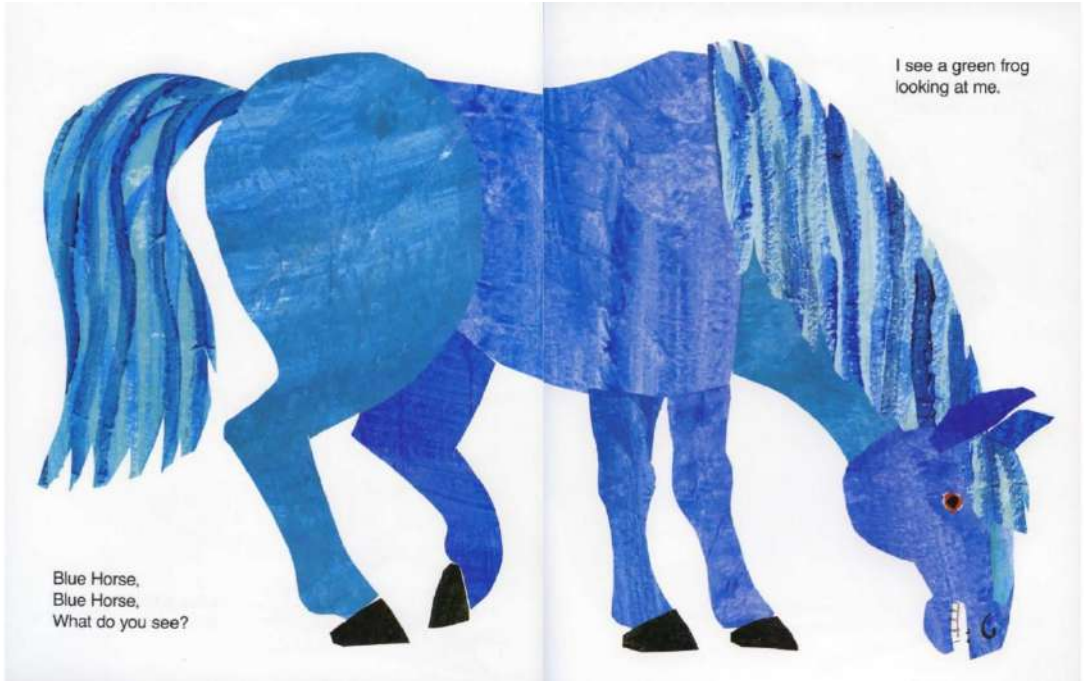
ANEXO B – Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?¹⁶

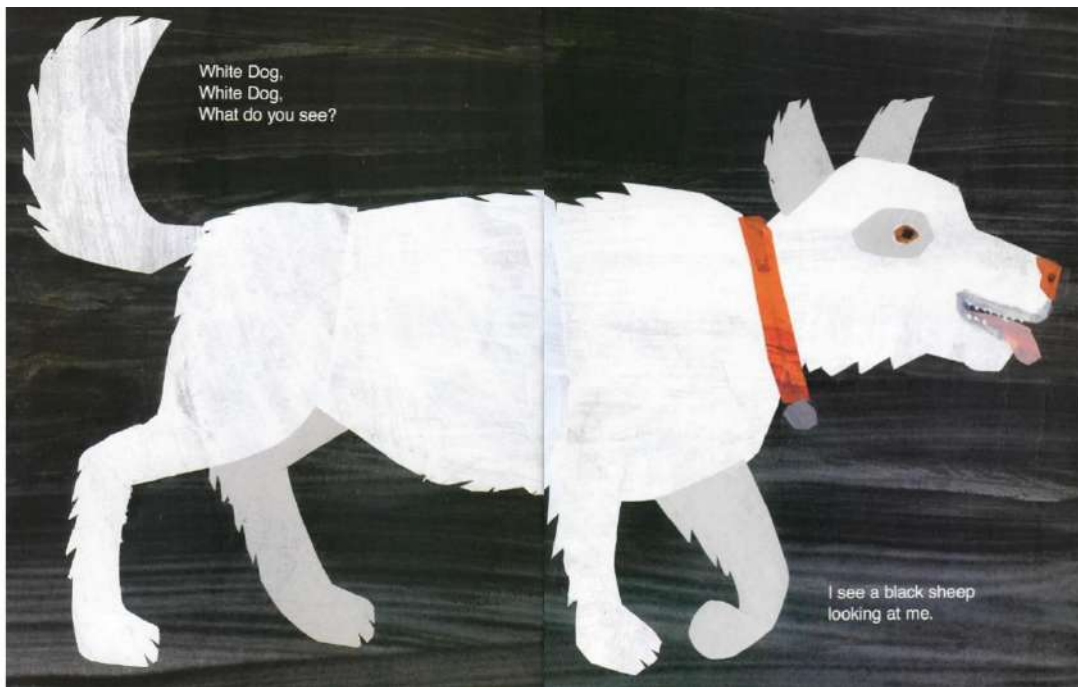
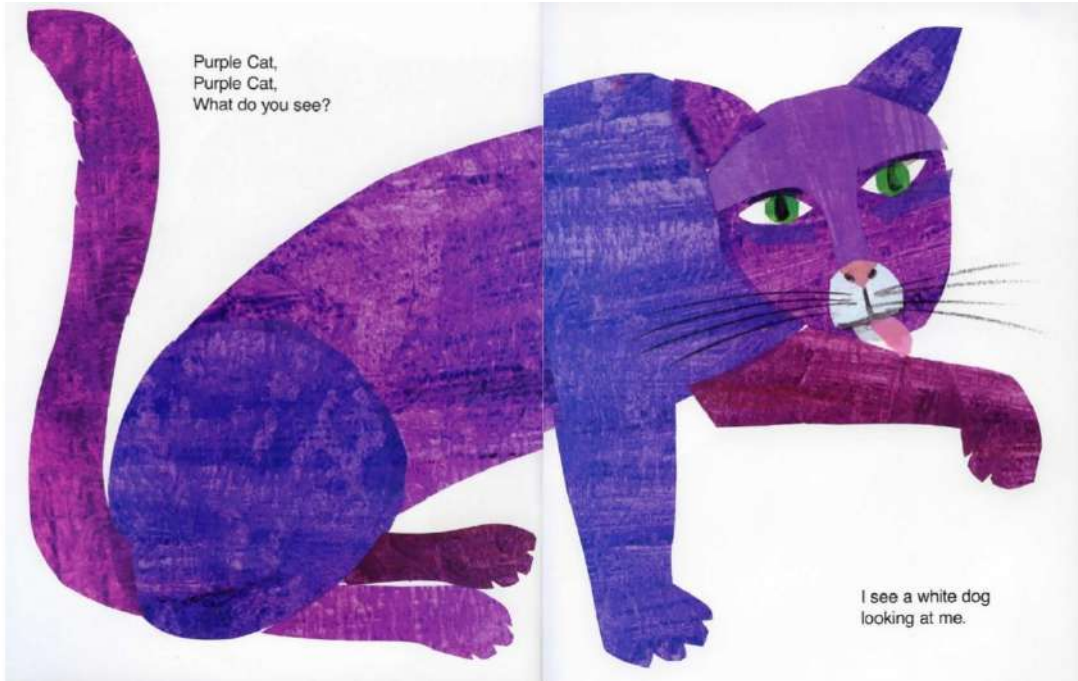


¹⁶ Disponível em:

<https://www.yonkerspublicschools.org/cms/lib/NY01814060/Centricity/Domain/1621/Brown%20Bear%20Book.pdf> Acesso em: 30 set. 2021.







Black Sheep,
Black Sheep,
What do you see?



I see a goldfish
looking at me.

Goldfish,
Goldfish,
What do you see?





I see a teacher
looking at me.





ANEXO C – The lion and the mouse¹⁷

LearnEnglish Kids

The lion and the mouse

A lion was asleep in the sun one day. A little mouse came out to play. The little mouse ran up the lion's neck and slid down his back. The lion caught him with a great big smack!

'I'm going to eat you!' the lion roared, his mouth open wide.


'No, no, please don't!' the little mouse cried. 'Be kind to me and one day I'll help you.'

'I'm a lion! You're a mouse! What can you do?' The lion laughed, very hard, and the mouse ran away.

But the mouse was out walking the very next day. He heard a big roar, and squeaked when he saw the king of the jungle tied to a tree. But the mouse had a plan to set him free. The mouse worked quickly and chewed through the rope.

The lion said, 'Oh little mouse, I had no hope. You were right, little mouse – thank you, I'm free. You're the best friend there ever could be!'

Story Time



Listen to this story
<https://learnenglishkids.britishcouncil.org/en/short-stories/the-lion-and-the-mouse>

www.britishcouncil.org/learnenglishkids
© The British Council, 2016 The United Kingdom's international organisation for educational opportunities and cultural relations. We are registered in England as a charity.

¹⁷ Disponível em: <https://learnenglishkids.britishcouncil.org/sites/kids/files/attachment/story-time-the-lion-and-the-mouse-transcript-v2.pdf> Acesso em: 29 out 2021.